

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 21 • 2014



Editor Científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2014

**AS PLACAS VOTIVAS (E O BÁCULO) DA LAPA DA GALINHA,
NA PRIMEIRA METADE DO 3.º MILÉNIO A.N.E.**

***THE VOTIVE PLAQUES (AND THE CROSS) FROM LAPA DA GALINHA,
IN THE FIRST HALF OF THE THIRD MILLENIUM BCE***

Victor S. Gonçalves,¹ Marco António Andrade² & André Pereira³

*Some things deserve to be known. Others deserve to be well known.
It's a pity that we found scholars that ignore a simple truthful thing like that.*

Sessão de abertura do Seminário 14 da Universidade de Miskatonic,
Providence, 20 de Agosto de 1910.

Abstract

Lapa da Galinha (literally “The chicken’s cave”) is a typical small cave of the portuguese Estremadura. Located near Alcanena, it was excavated more than a century ago and, at the time, the numerous human remains therein identified have been removed to the local cemetery and are not available for study and dating. A first note about this cave, very insufficient for the importance of the site, have been presented to the *1st National Congress of Archaeology*. Lapa da Galinha revealed, for the cultural milieu in which it is included, a relatively considerable amount of engraved schist plaques and a rather peculiar “cross”, in which some have seen a figuration of an axe. If the “cross” is so peculiar and unique, the plaques form a very bizarre but simple ensemble. Most of them are double faced (in Portuguese: *placas bipolares*). The motifs and decorative patterns are also peculiar and some present unusual shapes for the area of Estremadura, disclosing possible cultural influences of other regional areas. The PLACA NOSTRA Project shows, for the first time, drawings of all the available plaques and presents some new perspectives on the meaning of the “Lapa da Galinha connection”.

Keywords: Central Portugal, cross, first half of the 3rd Millenium BCE, Lapa da Galinha cave, votive plaques.

1 – INTRODUÇÃO

Em Maio de 1973, um de nós (VSG) solicitou no Museu Nacional de Arqueologia (MNA) o estudo integral da Lapa da Galinha, para o que foi autorizado. O conjunto estava bem grupado, com os materiais seriados e identificados por sepultura. Existia um desenho, com um formato próximo do A4, com a maioria das sepulturas identificada. Desenharam-se então materiais líticos e cerâmicas.

¹Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ), Grupo de Trabalho sobre as Antigas Sociedades Camponesas (WAPS, Projecto PLACA NOSTRA). vsg@campus.ul.pt

²Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ), Grupo de Trabalho sobre as Antigas Sociedades Camponesas (WAPS, Projecto PLACA NOSTRA). Fundação para a Ciência e Tecnologia (SFRH/BD/86232/2012). marcoandrade@campus.ul.p

³Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ), Grupo de Trabalho sobre as Antigas Sociedades Camponesas (WAPS, Projecto PLACA NOSTRA). pereira.andre@sapo.pt.

A agitação que decorreu da morte do Director do MNA, D. Fernando de Almeida (1979), semeou o caos até na localização original de vários conjuntos em estudo. Alguns projectos, como o do *tholos* de S. Martinho e o das taças campaniformes de Chibanes, foram mesmo adiados *sine die*.

No caso da Lapa da Galinha, houve uma parcial retoma em 2006, quando, no âmbito do Projecto PLACA NOSTRA, foi escolhida, pelas suas placas, como um conjunto de uma região “não de origem”, presumido ponto de passagem nos mecanismos de troca entre o Alto Alentejo e o Alentejo médio e o litoral. Nesta altura, já não se encontrou o desenho da Lapa e alguns materiais pareciam ter sido removidos dos seus contextos originais, mas fez-se o que se pôde. Regista-se, no entanto, que a remoção ou contentorização dos materiais pode ter tido consequências na sua relocação integral e homogénea.

Para os estudos integrais, nunca se conseguiu obter acesso às placas depositadas na Câmara Municipal de Santarém, para as quais foram pedidos, pelos técnicos locais, valores de seguro no mínimo inadequados, por largamente excessivos.

Uma primeira versão de este trabalho foi apresentada no âmbito da Sessão C43 do XV Congresso da União Internacional das Ciências Pré-Históricas e Proto-Históricas, realizado entre 4 e 9 de Setembro de 2006 na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (*Symbolic figurations in the 4th and 3rd millennia in the South of Iberian Peninsula: the engraved schist plaques and their figurative and schematic counterparts*), organizada por um dos signatários (V.S.G.). Permaneceu inédita e foi agora extensamente reescrita.

2 – LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO

A gruta natural da Lapa da Galinha localiza-se no lugar de Casal da Pedra, freguesia de Vila Moreira, concelho de Alcanena, distrito de Santarém, situando-se no extremo oriental do Arrife da Serra de Aires, já nas faldas de esta serra (a cerca de 132 m de altitude).

Geologicamente, situa-se numa área de calcários do Miocénico superior (calcários de Santarém e Almoster), na orla da extensa mancha de calcários micríticos do Batoniano (calcários da Serra de Aire), perto de uma estreita franja de arenitos do Aptiano-Albiano a Cenomaniano (arenitos de Amiais) e de grés e calcários do Eocénico a Oligocénico inferior (grés de Monsanto e calcários de Alcanede), franja esta que separa as duas primeiras realidades geológicas.

Caracteriza-se como uma pequena cavidade cársica de tendência circular com cerca de 8 m de diâmetro. A entrada, voltada a sul, faz-se por uma abertura circular à qual se acede por uma rampa “escavada” no calcário, formando uma espécie de corredor. O abatimento do tecto da gruta mostra actual-

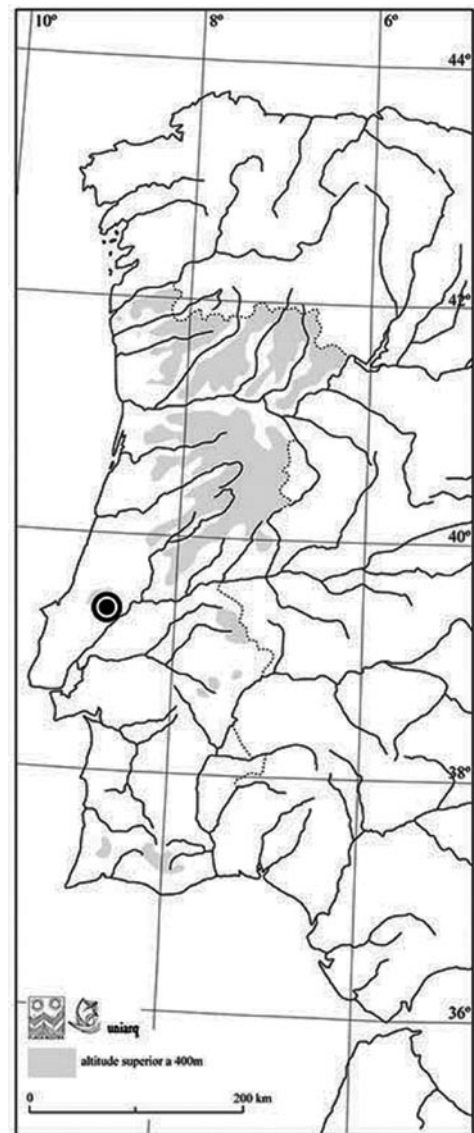


Fig. 1 – Situação da Lapa da Galinha no Ocidente peninsular.

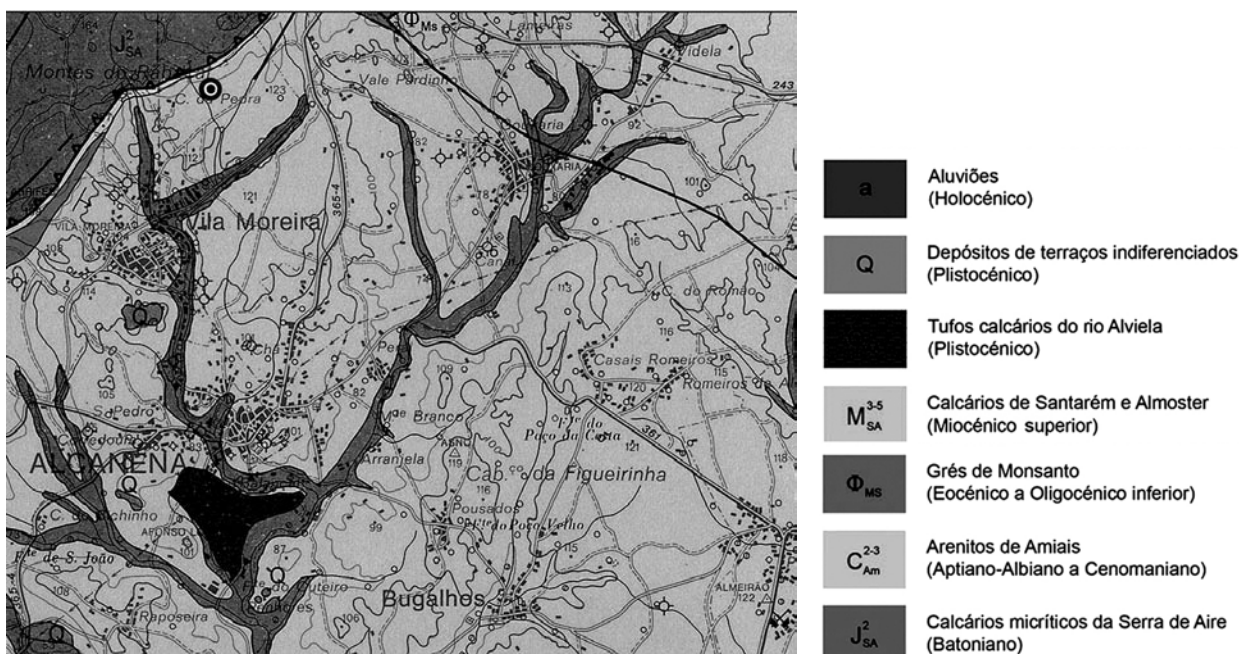


Fig. 2 – Situação da Lapa da Galinha na folha n.º 27C (Torres Novas) da Carta Geológica de Portugal (esc. 1:50 000).

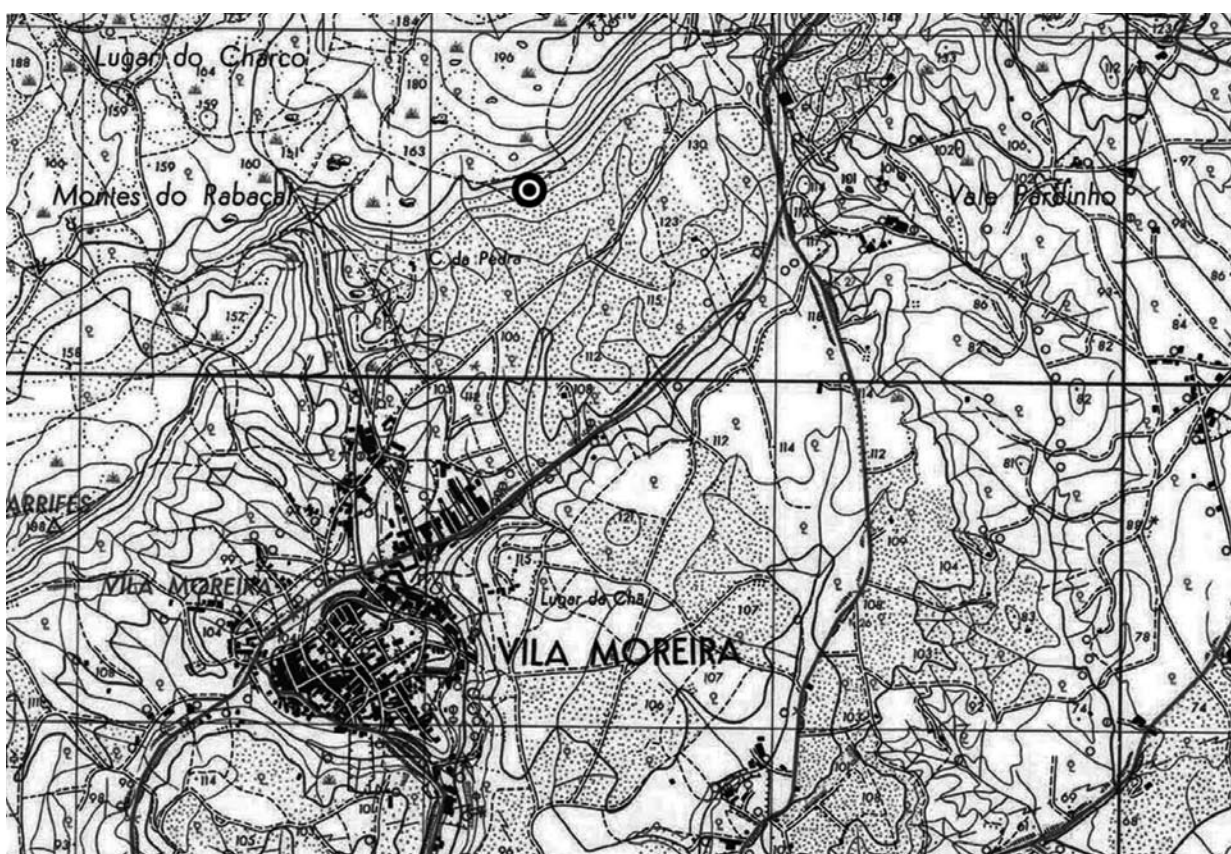


Fig. 3 – Situação da Lapa da Galinha na folha n.º 329 da Carta Militar de Portugal (esc. 1:25 000).

mente uma extensa clarabóia aberta no lado Oeste. É de salientar a semelhança da morfologia da Lapa da Galinha com os contornos de uma gruta artificial, não se encontrando contudo evidências de afeiçoamentos quer das paredes da gruta, quer da área de entrada e respectivo corredor.

Posiciona-se, na folha n.º 329 da Carta Militar de Portugal (esc. 1:25 000), nas seguintes coordenadas UTM (medidas com GPS *Garmin eTrex Legend*, com uma margem de erro de 5 metros): X (m): 0528299; Y (p): 4370543; N (altimetria): 132 m.

Ou, em coordenadas geográficas (*datum* WGS84): Latitude (N): 39°28'55.6''; Longitude (W): 08°40'20.1''.

Foi escavada por José de Almeida Carvalhaes sob a orientação de Félix Alves Pereira, simultaneamente com a gruta dos Carrascos (PEREIRA, 1908; GONÇALVES & PEREIRA, 1974-1977), em inícios do

século passado e o seu espólio foi sumariamente apresentado por M. C. Moreira de Sá ao *I Congresso Nacional de Arqueologia* (SÁ, 1959). Este, disperso pelas cerca de 70 inumações identificadas (pelo menos a julgar pelo número de crâneos recuperados), caracteriza-se genericamente por:

- pedra lascada: geométricos (trapézios, triângulos e segmentos), pontas de seta (de base côncava, convexa e triangular), pontas de dardo, punhais, alabardas, lâminas, furadores;
- pedra polida: machados (de secção circular e rectangular), enxós, formão, goiva;
- cerâmica: vasos lisos (taças esferoidais), vasos mamilados e com cordões denteados, cerâmica com decoração incisa;
- artefactos relacionados com o Sagrado: placas de xisto, micaxisto e serpentinito gravadas, báculo de xisto, placa de grés;
- artefactos de osso: espátula, furadores, punhal. Um provável artefacto de marfim (identificado em 1973, não relocado);
- artefactos para adorno pessoal: “alfinetes” de osso (um dos quais com cabeça canelada), contas de colar discóides (de xisto, âmbar, azeviche, pedra verde e osso), contas de colar bitroncocónicas (de azeviche e calcário), pendentes de pedra verde, figura zoomórfica de osso (lagomorfo?).

Dos contextos que foi possível recuperar através das notas de inventário do espólio da Lapa da Galinha no MNA, identifica-se a referenciação de algumas placas a sepulturas específicas – sendo, assim, possível evidenciar o conjunto artefactual em que se incluíam (aceitando como certo que o conceito “sepultura” se aplica aqui a inumações bem individualizadas ou mesmo estruturalmente delimitadas).

A Lapa da Galinha encontra-se numa área muito rica em contextos funerários das antigas sociedades camponesas. Com efeito, num raio de menos de 5 km, encontram-se outras importantes necrópoles em gruta natural como Algar do Barrão, Carrascos, Marmota e Lapa da Bugalheira, sendo de notar que apenas nas duas últimas se recolheram placas de xisto gravadas.



Fig. 4 – A Lapa da Galinha, pouco depois da sua descoberta. (Os autores agradecem ao Director do Museu Nacional de Arqueologia, Dr. António Carvalho, a autorização para reprodução desta figura e da seguinte).

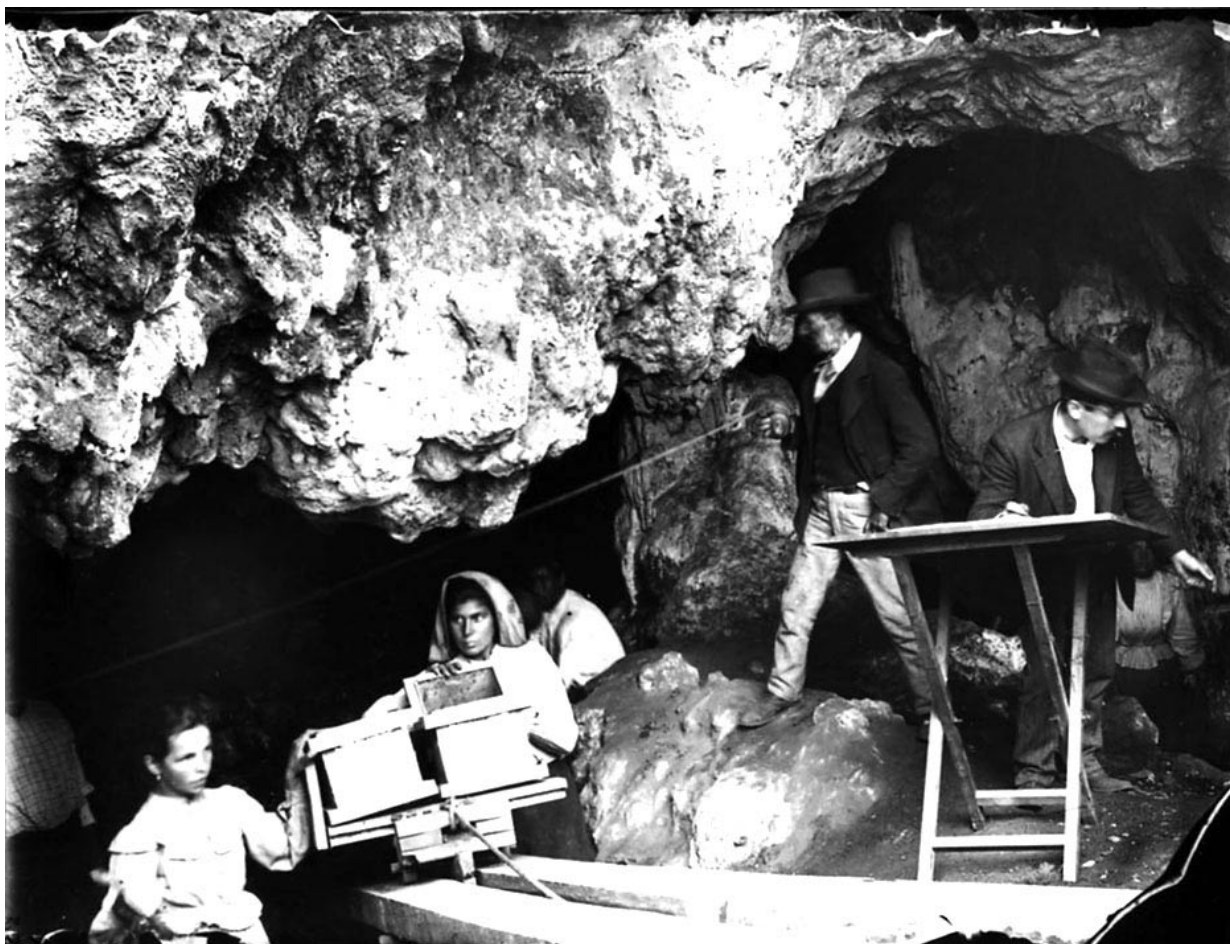


Fig. 5 – Uma admirável imagem do processo arqueológico em princípios do século XX. Na escuridão da Lapa, vislumbram-se dois trabalhadores, um à esquerda, outro no meio. Duas mulheres, uma das quais muito jovem, iluminam, com um sistema que inclui um espelho,* a parte da Lapa onde decorrem os trabalhos. Alguém (Almeida Carvalhaes ?) desenha (uma sepultura ?), e há um elemento feminino por trás, enquanto outra pessoa dá medidas. O enquadramento fotográfico é exemplar como construção de imagem. Fotografia provavelmente de Félix Alves Pereira.

*O Prof. João Luís Cardoso admite simplesmente que se trata de um sistema de transporte de terras.

3 – AS PLACAS VOTIVAS (E O BÁCULO) DA LAPA DA GALINHA: DESCRIÇÃO MORFO-TIPOLÓGICA

O conjunto em análise inclui um báculo de xisto, uma placa de micaxisto com braços recortados, 12 placas de xisto, micaxisto e serpentinito gravadas e uma placa de grés lisa. Para a sua descrição, foram seguidos os critérios descritivos utilizados actualmente no âmbito do projecto PLACA NOSTRA (e expressos, por exemplo, em GONÇALVES, 2004a, 2004b, 2011).

Existem aparentemente outros três exemplares, apresentados por M. C. Moreira de Sá (1959, Fig. 10) como recolhidos na Lapa da Galinha e conservados no Museu Antropológico da Universidade do Porto e no Museu de Santarém. Dado não se ter tido acesso directo a estes exemplares, não se apresentará a sua descrição pormenorizada, tendo-se apenas em consideração as suas características básicas (apresentadas em SÁ, 1959, p. 125-126 e Fig. 10) para efeitos comparativos.



Fig. 6 - Esboço de planta e corte da Lapa da Galinha (seg. SÁ, 1959, p. 119, Fig. 3).



Fig. 7 - Aspectos da Lapa da Galinha: aspecto da paisagem envolvente da Lapa da Galinha, indicada pela seta, com o relevo da Serra de Aires ao fundo à direita (A); aspecto da entrada (B); aspecto do interior (C).

Quadro 1 - Características gerais e motivos dominantes

# MNA	Sepultura	MP	Forma	Motivo dominante do corpo	Composição da cabeça	Perfs.
6468	15	Micaxisto	Antropomórfica, com braços recortados	Lisa	Lisa	2 TC
6491	11	Xisto	Rectangular	Duas bandas de triângulos preenchidos afrontadas (face); banda de triângulos preenchidos com o vértice para cima (verso)	Pares de faixas preenchidas parabólicas convergindo para a perfuração (face); grande triângulo preenchido com o vértice para baixo (verso)	1 C
6495	ND	Serpentinito	Elíptica	Bandas de triângulos preenchidos com o vértice para cima com "moldura"	Lisa	2 BTC
6561	ND	Xisto	Rectangular	Faixas ziguezagueantes não compartimentadas (face); bandas de triângulos preenchidos com o vértice para baixo (verso)	Sem diferenciação de cabeça em relação ao corpo	1 BTC

# MNA	Sepultura	MP	Forma	Motivo dominante do corpo	Composição da cabeça	Perfs.
6600	ND	Xisto	Rectangular	Bandas de triângulos preenchidos com o vértice para cima (face); faixas preenchidas oblíquas cruzadas = X (verso)	Faixas verticais preenchidas (face)	1 TC
6626	ND	Xisto	Trapezoidal	Banda de triângulos preenchidos com o vértice para cima (face); faixas preenchidas oblíquas cruzadas = X (verso)	Faixas oblíquas curvilíneas preenchidas e faixas horizontais preenchidas (face)	2 BTC
6627	39	Xisto	Antropomórfica	Faixas em V preenchidas (face e verso)	Representação facial esquemática (sobrancelhas, nariz, tatuagens faciais)	1 BTC
6654	ND	Xisto	Reaproveitada ?	Banda de triângulos preenchidos com o vértice para cima (face e verso)	Sem diferenciação de cabeça em relação ao corpo	1 BTC
6657A-B	ND	Xisto	Rectangular	Linhas ziguezagueantes não compartimentadas (verso)	?	1 TC ?
6663	35	Micaxisto	Antropomórfica	Faixa preenchida em V = “colar” (face e verso)	Representação facial (sobrancelhas, nariz, tatuagens faciais); olhos representados pela dupla perfuração	2 TC
6683	38	Xisto	Rectangular	Bandas de triângulos preenchidos com o vértice para cima	Faixas oblíquas curvilíneas preenchidas (“orelhas de coelho”)	1 TC
6701	48	Xisto	Trapezoidal	Bandas de triângulos preenchidos com o vértice para cima	Faixas oblíquas preenchidas radiantes	1 TC
6896	ND	Xisto	Reaproveitada	Faixas ziguezagueantes compartimentadas	Faixas ziguezagueantes compartimentadas ladeando V central	2 BTC
6739	ND	Grés	Rectangular	Lisa	Lisa	NP
2002.188.1	ND	Xisto	Báculo	Bandas de triângulos preenchidos com o vértice para baixo alternando com faixas preenchidas	NA	NO

Legenda: NA: não aplicável; ND: não disponível; NO: não observável; **Perfs.:** perfurações; **TC:** troncocónica; **C:** cónica; **BTC:** bitroncocónica; **NP:** não perfurada.

MNA 6468

Placa de micaxisto lisa. Apresenta recorte antropomórfico, sendo fenestrada, com uma altura média de 13,4 cm, para uma largura de 9,4 cm na base e 5,9 cm no topo, estando lascada no canto superior direito e no canto inferior direito.

A cabeça (medida dos ombros para o topo) apresenta uma altura de 4 cm, medindo o corpo cerca de 9,4 cm. Apresenta duas perfurações para suspensão, afastadas uma da outra mais do que o habitual (o que reafirma o carácter antropomórfico da placa), troncocónicas, medindo cerca de 0,6 e 0,7 cm de diâmetro na face e 0,4 cm de diâmetro no verso.

Os ombros encontram-se recortados com um ângulo de $\approx 85^\circ$; a largura do torso é de cerca de 2,7 cm, sendo a dos braços de cerca de 2,6 e 2,3 cm (esquerdo e direito, respectivamente). A espessura média desta placa é de cerca de 0,8 cm.

Trata-se, segundo o índice de alongamento (altura/largura da base), de uma placa média, com um índice de 1,43.

Indicação de proveniência: sepultura 15.

MNA 6491

Placa de xisto gravada, apresentando recorte subrectangular arredondado, gravada em ambas faces, com uma altura média de 12,8 cm, para uma largura de 6,7 cm na base e 4,8 cm no topo.

Na face, a cabeça apresenta uma altura de 4,1 cm, sendo a sua decoração formada por faixas curvilíneas preenchidas (duas em ambos lados, formando espécie de grinaldas) convergindo dos bordos da placa para a perfuração central.

O motivo dominante do corpo na face (apresentando este cerca de 8,7 cm de altura, separado da cabeça por uma linha simples) é composto por bandas de triângulos preenchidos afrontados (bandas não compartimentadas), a primeira composta por triângulos com o vértice para baixo (sete) e a segunda por triângulos com vértice para cima (oito, estando truncado aquele localizado junto ao bordo esquerdo da placa). O conjunto destas duas bandas apresenta 5,9 cm de altura média total, oferecendo a primeira 2,5 cm de altura e a segunda 3,1 cm de altura.

O indicador de fim de placa encontra-se representado na face, por uma faixa horizontal preenchida com cerca de 0,8 cm de altura, separada, tanto do motivo dominante do corpo como da base da placa, por faixas lisas.

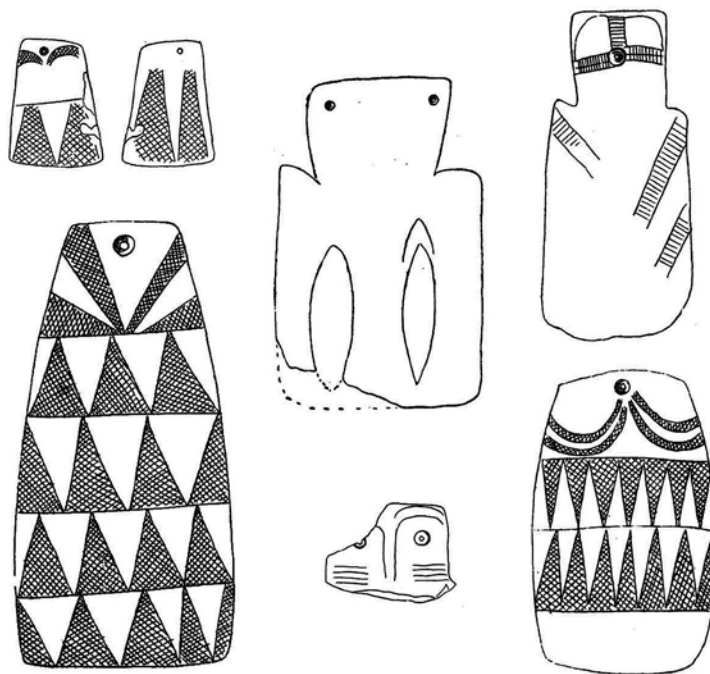


Fig. 8 – As placas votivas da Lapa da Galinha, segundo V. Correa (1921, p. 42 e 77-80, Figs. 28, 61 e 63-66). São perfeitamente reconhecíveis as placas 6654 (representada aqui com sobrancelhas), 6468, 6627, 6701, 6663 (apenas representado o fragmento da cabeça) e 6491 (representada lisa a área de indicação de fim de placa). Redimensionadas a partir do original.

No verso, a cabeça é formada por um grande triângulo preenchido com o vértice para baixo, com cerca de 4,9 cm de altura, não apresentando separador entre si e o corpo. Este, com cerca de 5,7 cm de altura, é formado por uma única banda de triângulos preenchidos com o vértice para cima (sete triângulos, estando truncados aqueles localizados junto aos bordos da placa). O indicador de fim de placa encontra-se representado, tal como na face, por uma faixa horizontal preenchida com cerca de 1 cm de altura, separada tanto do motivo dominante do corpo como da base da placa por faixas lisas.

A espessura média desta placa é de cerca de 0,9 cm, apresentando perfuração cilíndrica com 0,5 cm de diâmetro na face e no verso.

Trata-se, segundo o índice de alongamento, de uma placa média, oferecendo um índice de 1,91.

Indicação de proveniência: sepultura 11.

MNA 6495

Placa de serpentinito gravada, apresentando recorte entre elíptico e subtrapezoidal, com uma altura média de 12,4 cm, para uma largura de 5,5 cm na base e 4 cm no topo.

A cabeça, não decorada, apresenta uma altura de 1,4 cm.

O motivo dominante do corpo (apresentando este cerca de 11 cm de altura) é constituído por bandas de triângulos preenchidos com vértice para baixo. São nove bandas com alturas oscilando entre os 0,9 e os 1,4 cm. Compõem-se por cinco triângulos nas seis primeiras bandas (estando truncados aqueles localizados junto aos extremos da decoração) e por quatro triângulos nas três últimas bandas (estando truncados aqueles localizados junto à extremidade esquerda da decoração nas sétima e oitava bandas, e aqueles juntos a ambos extremos da decoração na nona banda). Este motivo decorativo encontra-se moldurado por uma faixa preenchida (separada da decoração do corpo e dos bordos da placa por faixas lisas), disposta ao longo de todo o seu perímetro, sendo a área terminal indicada por uma banda em espinha

A espessura média desta placa é de cerca de 1,1 cm, apresentando dupla perfuração bitroncocónica com 0,5 cm de diâmetro na face e 0,4 e 0,5 cm no verso.

Trata-se, segundo o índice de alongamento, de uma placa alongada, com um índice de 2,25.

MNA 6561

Placa de xisto gravada, apresentando recorte sub-rectangular, gravada em ambas faces, com uma altura média de 13,5 cm, para uma largura de 6,2 cm na base e 5,2 cm no topo. Tanto na face como no verso, a totalidade da placa está gravada com um único motivo decorativo, não estando assim representada a área da cabeça.

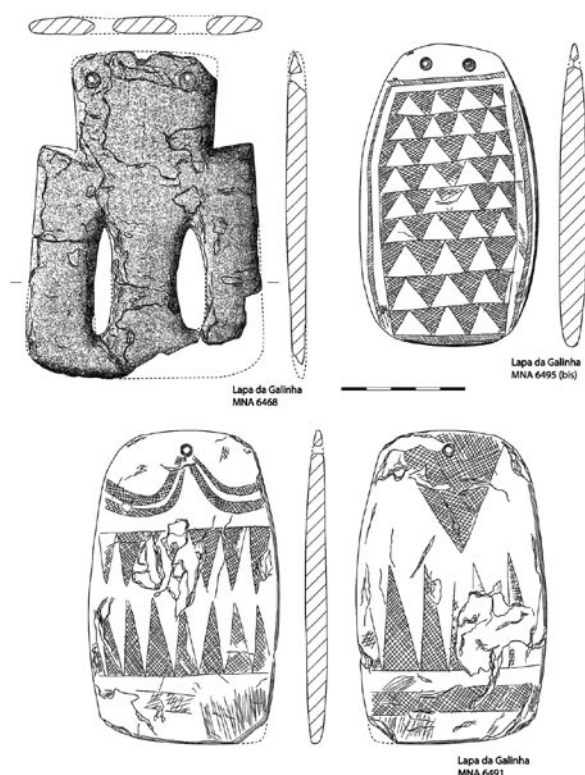


Fig. 9 – Placas votivas da Lapa da Galinha: placa de micaxisto fenestrada 6468, placa de serpentinito gravada 6495 e placa de xisto gravada 6491.

A face encontra-se decorada exclusivamente com faixas ziguezagueantes preenchidas sem linhas-guia (seis, separadas por faixas lisas, preenchidas com linhas não reticuladas). No entanto, a paginação estruturante prévia não foi respeitada. Com efeito, a separação entre a quinta e a sexta faixa preenchida é feita por duas faixas lisas, não obedecendo assim à sequência lógica de gravação (alternando faixas preenchidas com faixas lisas). Tal facto dever-se-á a uma escolha consciente do gravador que, por um mau cálculo de área, optou por deixar duas faixas lisas para que a placa fosse rematada por uma faixa ziguezagueante preenchida, e não por um triângulo preenchido, como sucederia se a sequência de gravação fosse respeitada.

O verso encontra-se decorado exclusivamente por três bandas de triângulos preenchidos com o vértice para baixo, com alturas que oscilam entre 4,2 e os 4,7 cm. Qualquer uma de estas bandas encontra-se gravada com quatro triângulos, estando truncados aqueles junto ao bordo esquerdo da placa na primeira e na terceira banda. Tal como na face, a sequência de gravação não foi respeitada, sendo o primeiro triângulo da última banda gravado em área reservada a um triângulo liso segundo a ordem de gravação, ficando assim o espaço entre este e o triângulo seguinte representado por dois supostos triângulos lisos.

A espessura média desta placa é de cerca de 0,9 cm, apresentando perfuração bitroncocónica, posterior à decoração, com 0,8 cm de diâmetro na face e de 0,9 cm no verso. Possui igualmente no verso um início de perfuração não concluído, sendo cortada pela perfuração posterior, desviada mais para cima para coincidir com o eixo da perfuração que parte da face.

Trata-se, segundo o índice de alongamento, de uma placa alongada, com um índice de 2,18.

MNA 6600

Placa de xisto gravada, apresentando recorte subrectangular, gravada em ambas faces, com uma altura média de 11,8 cm, para uma largura de 7,4 cm na base e 6 cm no topo.

Na face, a cabeça apresenta uma altura de 2,6 cm, sendo a sua decoração formada por faixas verticais preenchidas (três em ambos lados, formando as interiores a “cabeça dentro da cabeça”, de feição rectangular vertical). A cabeça encontra-se separada do corpo por uma faixa horizontal preenchida com uma altura média de 1,2 cm.

O motivo dominante do corpo na face (apresentando este cerca de 8 cm de altura) é as bandas de triângulos preenchidos com vértice para cima. Forma-se assim por duas bandas com 3,7 e 4,3 cm de altura, ambas compostas por quatro triângulos (estando truncados aqueles localizados junto aos bordos da placa).

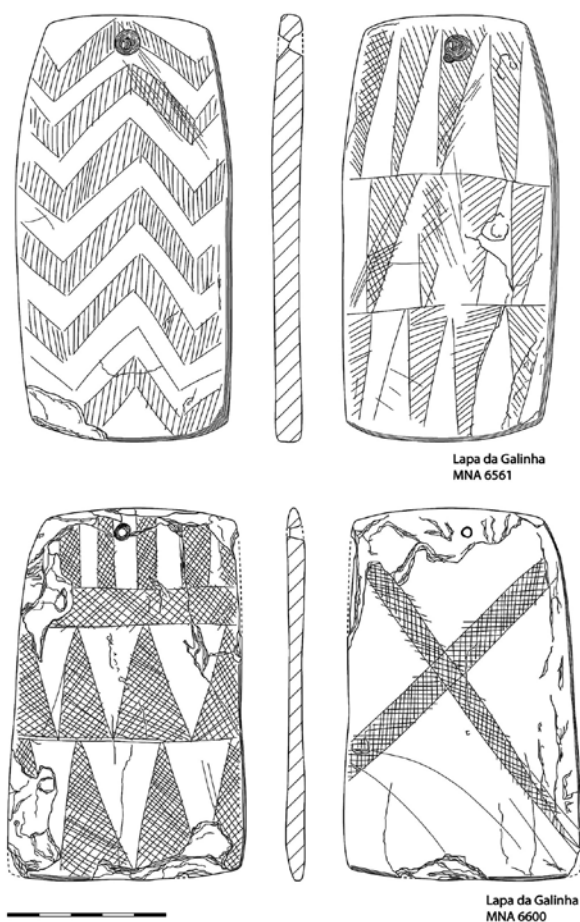


Fig. 10 – Placas votivas da Lapa da Galinha: placas de xisto gravadas 6561 e 6600.

O verso encontra-se gravado exclusivamente por duas faixas oblíquas preenchidas, cruzadas, dispostas da extremidade superior para a extremidade inferior da placa, formando um grande X.

A espessura média desta placa é de cerca de 0,5 cm, apresentando perfuração cilíndrica com 0,5 cm de diâmetro na face e 0,4 cm no verso.

Trata-se, segundo o índice de alongamento, de uma placa média, oferecendo um índice de 1,59.

MNA 6626

Pequena placa de xisto gravada, apresentando recorte subtrapezoidal, gravada em ambas faces, com uma altura média de 8,9 cm, para uma largura de 5,4 cm na base e 4,9 cm no topo.

Na face, a cabeça apresenta uma altura de 4,4 cm, sendo a sua decoração formada por faixas horizontais preenchidas (uma em ambos lados) encimadas por faixas oblíquas curvilíneas preenchidas (uma em ambos lados, formando a “cabeça dentro da cabeça” e enquadrando a perfuração dupla).

O corpo, na face (apresentando este cerca de 4,5 cm de altura), encontra-se gravado com uma única banda de triângulos preenchidos com vértice para cima (sendo estes em número de três).

O verso encontra-se gravado por duas faixas oblíquas preenchidas, cruzadas, dispostas da extremidade superior para a extremidade inferior da placa, formando um X. Regista-se ainda a gravação de um traço horizontal no terço superior da peça, correspondendo possivelmente à compartimentação de uma cabeça não gravada.

A espessura média desta placa é de cerca de 0,6 cm, apresentando dupla perfuração bitronco-cônica com 0,6 cm de diâmetro na face e 0,6 e 0,7 cm no verso.

Trata-se, segundo o índice de alongamento, de uma placa média, com um índice de 1,65.

MNA 6627

Placa de xisto gravada, apresentando recorte antropomórfico, gravada em ambas faces, com uma altura média de 14,2 cm, para uma largura de entre 5,3 e 6,3 cm na base (possível lascagem indesejada do suporte durante conformação possibilita leituras distintas) e 4 cm no topo.

A cabeça (medida dos ombros para o topo) apresenta uma altura de 4,2 cm, estando decorada na face por uma representação facial esquemática, sendo evidentes os seguintes elementos iconográficos: sobrancelhas/olhos, nariz, tatuagens/pinturas faciais. As sobrancelhas, adossadas ao nariz, encontram-se representadas por quartos de círculo, dos quais partem linhas radiantes; podem eventualmente, corresponder à representação parcial de “olhos de Sol”. O nariz encontra-se representado por uma faixa vertical preenchida. As tatuagens ou pinturas faciais encontram-se representadas por faixas horizontais preenchidas (uma em ambos lados), internamente compartimentadas (formando, limpas do seu preenchimento, três linhas simples) e adossadas ao nariz.

O corpo, medindo cerca de 10 cm, encontra-se decorado na face por três faixas preenchidas quebradas, gravadas de modo a formar três V's dispostos em sequência vertical, podendo a do topo, partindo sensivelmente dos ombros e tendo em conta outros exemplos iconográficos, ser lida como a representação esquemática do “colar da deusa”.



Fig. 11 – Provável aspecto final da decoração da face da placa 6561 se a sequência de gravação tivesse sido respeitada, sendo esta assim rematada por um triângulo preenchido com o vértice para cima.

No verso, a cabeça encontra-se lisa, sendo o corpo decorado com duas faixas preenchidas quebradas, gravadas de modo a formar dois V's dispostos em sequência vertical.

Os ombros encontram-se recortados com um ângulo de $\approx 90^\circ$. A espessura média desta placa é de cerca de 0,6 cm. Apresenta perfuração bitroncocônica (realizada sobre a área terminal do nariz), medindo cerca de 0,5 cm de diâmetro na face e 0,4 cm de diâmetro no verso.

Trata-se, segundo o índice de alongamento (altura/largura da base), de uma placa alongada, oferecendo um índice de entre 2,65 e 2,22.

Indicação de proveniência: sepultura 39.

MNA 6654

Pequena placa de xisto gravada, apresentando recorte subtrapezoidal (não sendo seguro que se trate de uma placa reaproveitada), gravada em ambas faces, com uma altura média de 5,8 cm, para uma largura de 4 cm na base e 2,6 cm no topo.

Na face, a cabeça apresenta-se actualmente lisa, com uma altura de 2,9 cm. Contudo, em desenho apresentado por Vergílio Correia (1921, p. 42, Fig. 28), esta apresenta-se como decorada com faixas curvilíneas preenchidas (uma em ambos lados), representando possivelmente sobancelhas (*cf.* acima, Fig. 7).

Dado que, presentemente, esta área da placa se encontra lascada, não foi possível confirmar tal facto.

O corpo, na face (apresentando este cerca de 2,9 cm de altura), encontra-se gravado com uma única banda de triângulos preenchidos com vértice para cima (sendo estes em número de dois), com vértices truncados.

No verso, a cabeça encontra-se lisa, estando o corpo decorado com uma única banda de triângulos preenchidos com o vértice para cima (sendo estes em número de dois).

A espessura média desta placa é de cerca de 0,4 cm, apresentando perfuração bitroncocônica com 0,4 cm de diâmetro na face e no verso.

Trata-se, segundo o índice de alongamento, de uma placa média, com um índice de 1,45.

MNA 6657A-B

Dois fragmentos de lascas do verso de uma mesma placa de xisto. As medidas supostas, tendo em conta sua reconstituição gráfica, são as seguintes: $\geq 12,4$ cm de altura; $\pm 6,9$ cm de largura na base; $\pm 5,1$ cm de largura no topo; $\geq 0,7$ cm de espessura.

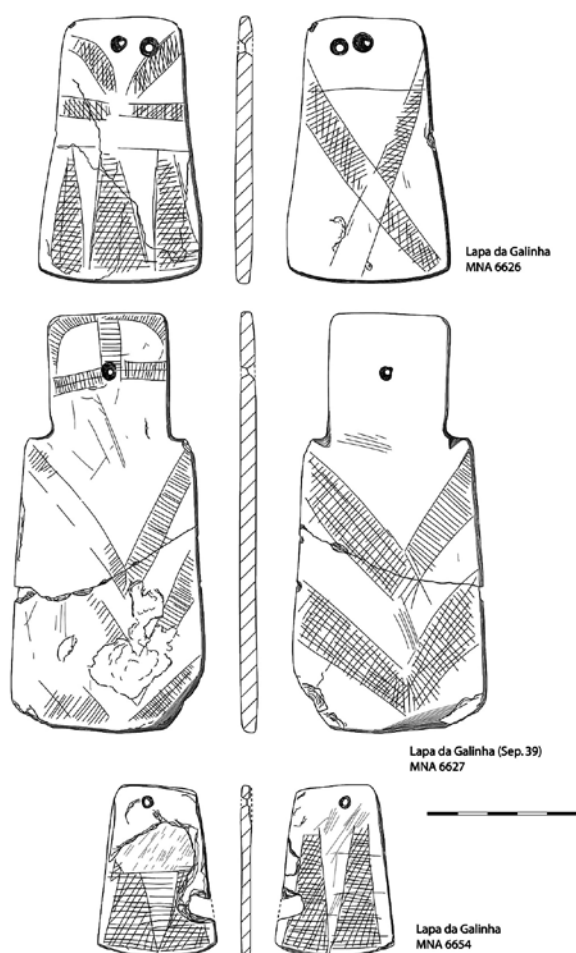


Fig. 12 – Placas votivas da Lapa da Galinha: placas de xisto gravadas 6626, 6627 (antropomórfica) e 6654 (reaproveitada?).

O verso encontra-se decorado com linhas zigue-zagueantes não compartimentadas, sumariamente gravadas, podendo corresponder a um ensaio de gravação. Apresenta perfuração possivelmente troncocónica, com 0,6 cm de diâmetro no verso.

Trata-se, segundo o índice de alongamento, de uma placa média, oferecendo um índice suposto de $\pm 1,45$.

MNA 6663

Fragmento distal de placa de micaxisto, apresentando recorte antropomórfico, gravada em ambas faces, com uma altura conservada de 9,4 cm, para uma largura de $\pm 4,7$ cm no topo (fractura no lado esquerdo impossibilita leitura exacta).

Na face, a cabeça (medida dos ombros para o topo) apresenta uma altura de 3,4 cm, estando decorada por representação facial óbvia, sendo evidentes os seguintes elementos iconográficos: sobrancelhas, olhos (indicados pela dupla perfuração), nariz, tatuagens ou pinturas faciais. As sobrancelhas encontram-se representadas por duas linhas em segmentos de círculo paralelos (em ambos lados), gravados imediatamente acima das perfurações. O nariz encontra-se representado por duas linhas verticais paralelas. As tatuagens ou pinturas faciais são linhas horizontais paralelas (quatro em ambos lados), abaixo das perfurações e ladeando a representação do nariz.

O corpo encontra-se decorado na face por uma faixa preenchida quebrada, gravada de modo a formar um V partindo dos ombros, podendo ser assumida como a representação esquemática óbvia do “colar da deusa”.

No verso, a cabeça é lisa, sendo o corpo decorado por uma faixa preenchida quebrada, gravada de modo a formar um V partindo dos ombros.

Os ombros encontram-se recortados com um ângulo de $\approx 90^\circ$. A espessura média desta placa é de cerca de 0,8 cm. Apresenta dupla perfuração troncocónica (realizada da face para o verso, reafirmando o carácter antropomórfico desta placa), medindo cerca de 0,7 e 0,6 cm de diâmetro na face e 0,2 cm de diâmetro no verso.

Índice de alongamento (altura/largura da base) impossível de calcular.

Indicação de proveniência: sepultura 35.

MNA 6683

Placa de xisto gravada, apresentando recorte subrectangular, com uma altura média de 13,1 cm, para uma largura de 9,3 cm na base e 6,4 cm no topo.

A cabeça apresenta uma altura de 4,3 cm, sendo a sua decoração formada por faixas oblíquas curvilíneas preenchidas (uma em ambos lados, do tipo “orelhas de coelho” formando igualmente a “cabeça dentro da cabeça”). A cabeça encontra-se separada do corpo por uma linha simples.

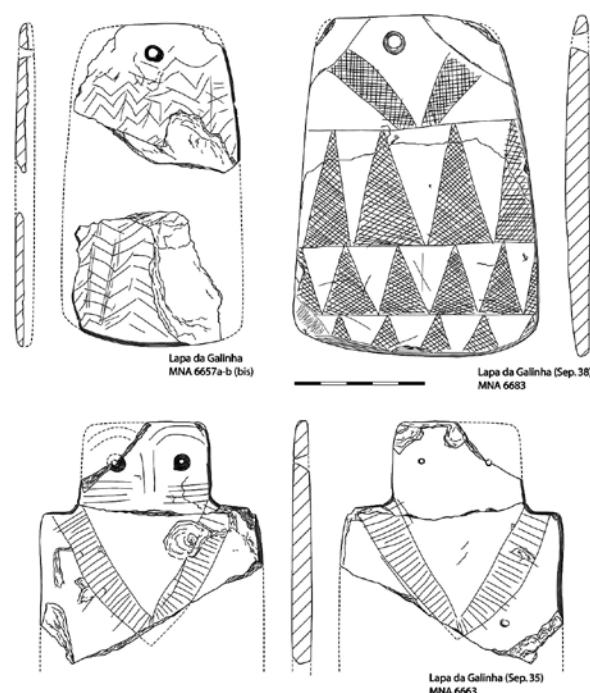


Fig. 13 – Placas votivas da Lapa da Galinha: placas de xisto gravadas 6626 (verso) e 6627, e placa de micaxisto gravada 6663 (antropomórfica).

O motivo dominante do corpo (apresentando este cerca de 8,8 cm de altura) é as bandas de triângulos preenchidos com vértice para cima. Forma-se assim por três bandas com 4,5, 3,6 e 1,5 cm de altura, sendo composta a primeira banda por quatro triângulos (estando truncado aquele localizado junto ao bordo direito da placa), a segunda por seis triângulos (estando truncados aqueles localizados junto aos bordos da placa) e a terceira por seis triângulos (truncados na base).

A espessura média desta placa é de cerca de 0,9 cm, apresentando perfuração troncocónica com 0,8 cm de diâmetro na face e 0,5 cm no verso.

Trata-se, segundo o índice de alongamento, de uma placa média, com um índice de 1,41.

A assimetria do contorno na área terminal, assim como a truncatura registada na base dos triângulos da última banda, permite levantar a hipótese de se tratar de uma placa objecto de reaproveitamento por reconformação do contorno.

Indicação de proveniência: sepultura 38.

MNA 6701

Placa de xisto gravada, apresentando recorte subtrapezoidal, com uma altura média de 18,2 cm, para uma largura de 8,2 cm na base e 4,5 cm no topo.

A cabeça apresenta uma altura de 4,5 cm, sendo a sua decoração formada por faixas radiantes preenchidas a partir do centro geométrico inferior da cabeça (duas em ambos lados, formando as interiores a “cabeça dentro da cabeça”). A cabeça encontra-se separada do corpo por uma linha simples.

O motivo dominante do corpo (apresentando este cerca de 13,7 cm de altura) é as bandas de triângulos preenchidos com vértice para cima. Forma-se assim por quatro bandas com 3,3, 3,8, 3,3 e 2,9 cm de altura, sendo composta a primeira banda por três triângulos, a segunda por quatro triângulos (estando truncados aqueles localizados junto aos bordos da placa), a terceira por quatro triângulos e a quarta por cinco triângulos (estando truncados aqueles localizados junto aos bordos da placa).

A espessura média desta placa é de cerca de 1 cm, apresentando perfuração troncocónica com 0,8 cm de diâmetro na face e 0,7 cm no verso.

Trata-se, segundo o índice de alongamento, de uma placa alongada, apresentando um índice de 2,22.

Indicação de proveniência: sepultura 48.

MNA 6896

Placa de xisto gravada, apresentando recorte sub-rectangular, sendo claramente reaproveitada (porção esquerda da placa), com uma altura média actual de 15,1 cm, para uma largura de 6,7 cm na base e 5,1 cm no topo.

A cabeça apresenta uma altura de 6,9 cm, sendo a sua decoração formada por faixas ziguezagueantes compartimentadas preenchidas (quatro conservadas no lado esquerdo da cabeça. A cabeça, conservando ainda vestígios do Y central, encontra-se separada do corpo por uma linha simples.

O motivo dominante do corpo (apresentando este cerca de 8,2 cm de altura) é igualmente as faixas ziguezagueantes parcialmente compartimentadas preenchidas, conservando apenas três delas.

A espessura média desta placa é de cerca de 1 cm, apresentando dupla perfuração bitroncocónica com 1 e 0,8 cm de diâmetro na face e 0,8 cm no verso.

Trata-se, segundo o índice de alongamento, de uma placa alongada, com um índice de 2,25.

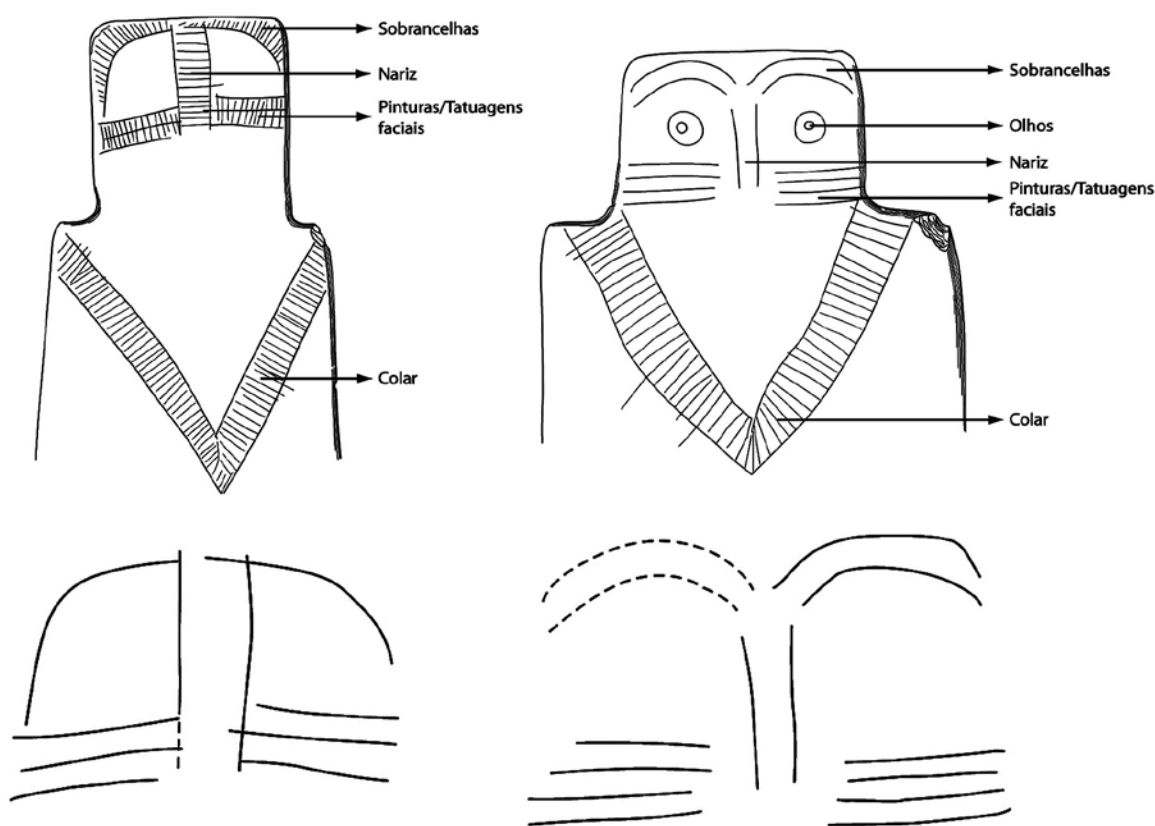


Fig. 14 – Em cima: indicação dos componentes da representação facial das placas antropomórficas 6627 e 6663. Em baixo: representação do conjunto isolado.

MNA 6739

Placa de grés lisa, de contorno sub-rectangular ligeiramente hiperbolóide, com uma altura média de 12,2 cm, para uma largura de 6 cm na base e 5 cm no topo. A espessura média desta placa é de cerca de 0,8 cm, apresentando face suavemente côncava e verso aplanado.

Trata-se, segundo o índice de alongamento (altura/largura da base), de uma placa alongada, oferecendo um índice de 2,03.

Báculo de recorte rectilíneo MNA 2002.188.1

Báculo de xisto, apresentando uma altura no eixo vertical principal de cerca de 21 cm conservados, com uma largura de 15,6 cm no topo e 6,4 cm na área mesial. Possui 0,7 cm de espessura. A transição da cabeça para o cabo configura-se em ângulo sensivelmente recto, opondo-se à transição encurvada característica de praticamente todos os exemplares de báculos conhecidos no contexto megalítico do Sudoeste peninsular. Apresenta assim forma geral de 7 (e não de 9, como a larga maioria), assemelhando-se morfologicamente a um machado encabado.

O motivo exclusivo que se desenvolve em rotação da cabeça para a área gravada do cabo é constituído, tanto na face como no verso, por bandas de triângulos preenchidos com o vértice para baixo separadas por faixas preenchidas. Estão conservadas seis bandas de triângulos separadas por seis faixas preenchidas na face, e cinco bandas de triângulos separadas por cinco faixas preenchidas no verso. Embora na face se registre

a alternância entre faixas preenchidas e bandas de triângulos, esta paginação não é estritamente seguida no verso. Aqui, a separação entre a segunda e a terceira banda de triângulos é feita por duas faixas preenchidas afastada por faixa lisa, assim como não existe separação por faixa preenchida entre a quarta e a quinta bandas de triângulos, encontrando-se estas apossadas.

A composição de triângulos destas bandas é a seguinte: $4 + 3 + 3 + 3 + 3 + > 2$ na face; $2 + 2 + 2 + 2 + 2$ no verso. Apenas a primeira banda da face regista um triângulo truncado junto ao bordo interior. Estas bandas, dispostas simetricamente em relação à curvatura da peça, apresentam espessuras variáveis, sendo mais amplas na área da curvatura junto ao bordo exterior e menos amplas junto ao bordo interior. Apresentam as seguintes espessuras médias: 2,9 cm / 3,4 cm / 3,8 cm / 3,7 cm / 3,4 cm / ? (banda não conservada na totalidade) na face; 3,1 cm / 4,5 cm / 4,4 cm / 4,0 cm / ? (banda não conservada na totalidade) no verso. A largura das faixas separatórias é igualmente variável, apresentando as seguintes espessuras médias: 1,6 cm / 2,0 cm / 1,6 cm / 1,7 cm / 1,7 cm / 1,9 cm na face; 2,0 cm / 2,5 cm / 1,6 cm / 2,1 cm / 2,8 cm no verso.

O preenchimento da decoração, apesar de fino, apresenta-se aparentemente pouco cuidado, não se registando preenchimento em verdadeiramente reticulado.

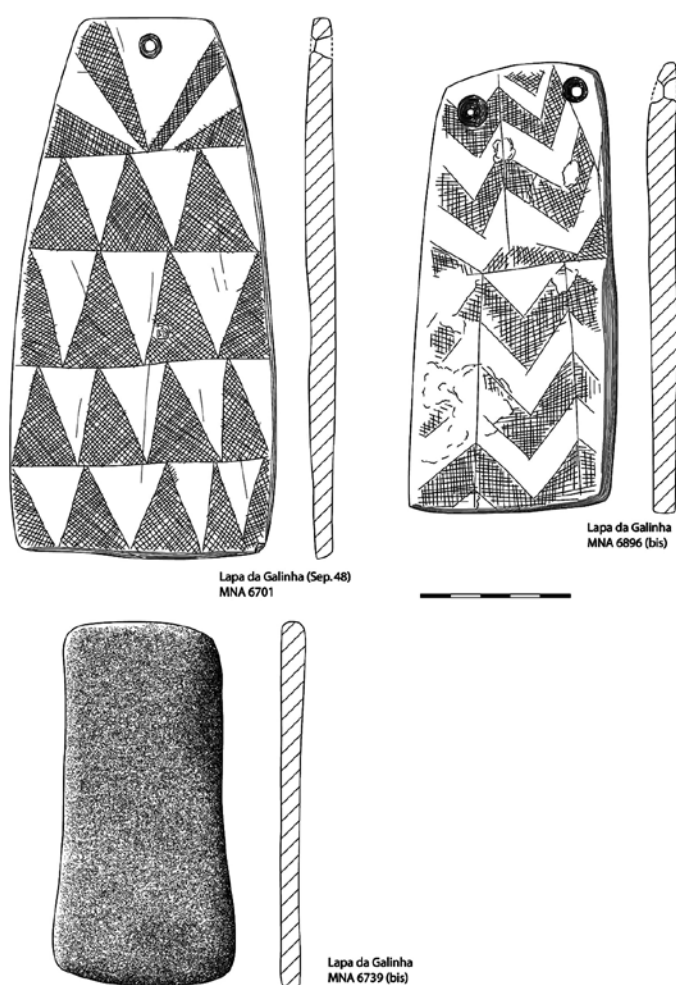


Fig. 15 – Placas votivas da Lapa da Galinha: placas de xisto gravadas 6701 e 6896 (reaproveitada), e placa de grés lisa 6739.

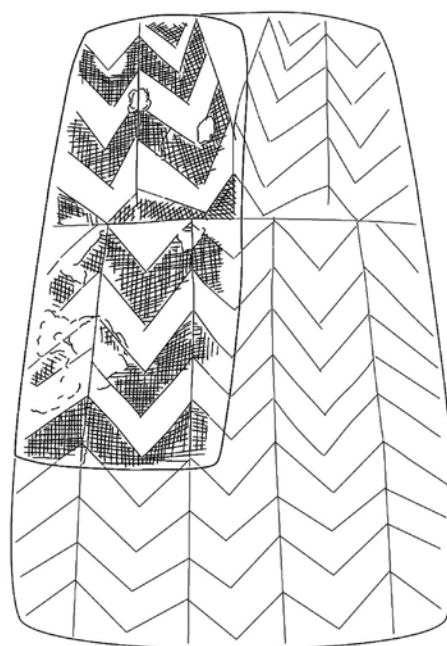


Fig. 16 – Reconstituição do aspecto original da placa de xisto reaproveitada 6896, com reflexão do motivo decorativo, atendendo à suposta simetria de ambos lados da placa.

Quadro 2: Principais medidas de referência do conjunto em análise.

Ref.	Est.	N.º Perfs.	Alt.	Alt.Cb.	Alt.Sp.	Alt.Cp.	LB	LT	IA	DPF	DPV	Esp.
6468	FR	2	13,4	4,0	/	9,4	±9,4	±5,9	±1,43	0,6/0,7	0,4	0,8
6491	Int.	1	12,8	4,1	/	8,7	6,7	4,8	1,91	0,5	0,5	0,9
6495	Int.	2	12,4	1,4	/	11,0	5,5	4,0	2,25	0,5/0,5	0,4/0,5	1,1
6561	Int.	1	13,5	/	/	/	6,2	5,2	2,18	0,8	0,9	0,9
6600	Int.	1	11,8	2,6	1,2	8,0	7,4	6,0	1,59	0,5	0,4	0,5
6626	Int.	2	8,9	4,4	/	4,5	5,4	4,9	1,65	0,6/0,6	0,6/0,7	0,6
6627	Int.	1	14,0	4,2	/	10,0	5,3–6,3	4,0	2,65–2,22	0,5	0,4	0,6
6654	Int.	1	5,8	2,9	/	2,9	4,0	2,6	1,45	0,4	0,4	0,4
6657A-B	Frag.	1	≥12,4	?	?	?	±6,9	±5,1	±1,80	?	0,6	≥0,7
6663	Dist.	2	?	3,4	/	?	?	±4,7	?	0,7/0,6	0,2/0,2	0,8
6683	Int.	1	13,1	4,3	/	8,8	9,3	±6,4	1,41	0,8	0,5	0,9
6701	Int.	1	18,2	4,5	/	13,7	8,2	4,5	2,22	0,8	0,7	1,0
6896	Int.	2	15,1	6,9	/	8,2	6,7	5,1	2,25	1,0/0,8	0,8/0,8	1,0
6739	Int.	0	12,2	/	/	/	6,0	5,0	2,03	/	/	0,8
2002.188.1	Dist.	0	>21,0	/	/	/	?	15,6	?	/	/	0,7

Legenda: **Alt.:** altura medida num ponto central, em cm; **Alt.Cb.:** altura da cabeça (cm); **Alt.Sp.:** altura do separador cabeça/corpo (cm); **Alt.Cp.:** altura do corpo (cm); **LB:** largura da base (cm); **LT:** largura do topo (cm); **IA:** índice de alongamento (altura/largura da base): alongado (> 2), médio (2 – 1), curto (< 1); **DPF:** diâmetro da perfuração da face (cm); **DPV:** diâmetro da perfuração no verso (cm); **Esp.:** espessura média (cm).

4 – AS PLACAS DO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL DA UNIVERSIDADE DO PORTO E DO MUSEU DE SANTARÉM

A placa do Museu de História Natural da Universidade do Porto tem contorno trapezoidal, e o motivo decorativo do corpo consiste num campo de xadrez, sendo a cabeça decorada por seis faixas oblíquas (três em ambos lados), formando as interiores a “cabeça dentro da cabeça”. Apresenta 13 cm de comprimento e 8 cm de largura (SÁ, 1959, Fig. 10,1).

As placas do Museu de Santarém apresentam características mais singulares. Uma delas aparenta tratar-se de um fragmento de báculo reaproveitado, tendo contorno ligeiramente encurvado e sendo decorado por bandas verticais de triângulos preenchidos com os vértices voltados para os bordos da placa, alternando com faixas lisas (motivo decorativo de certa forma comum em báculos), apresentando 15 cm de comprimento (SÁ, 1959, Fig. 10,2). A segunda aparenta corresponder a uma placa de contorno antropomórfico reaproveitada, do tipo das placas antropomórficas “de braços recortados” tipicamente alto-alentejanas/hispano-estremenhas presentes, por exemplo e entre outros, nos monumentos da Marquesa, Vega del Guadancil 1 e Acenha de la Borrega (LEISNER & LEISNER, 1959, Taf. 4; Taf. 55). Apresenta supostamente 19,5 cm de comprimento e 8,5 cm de largura (SÁ, 1959, Fig. 10,3).

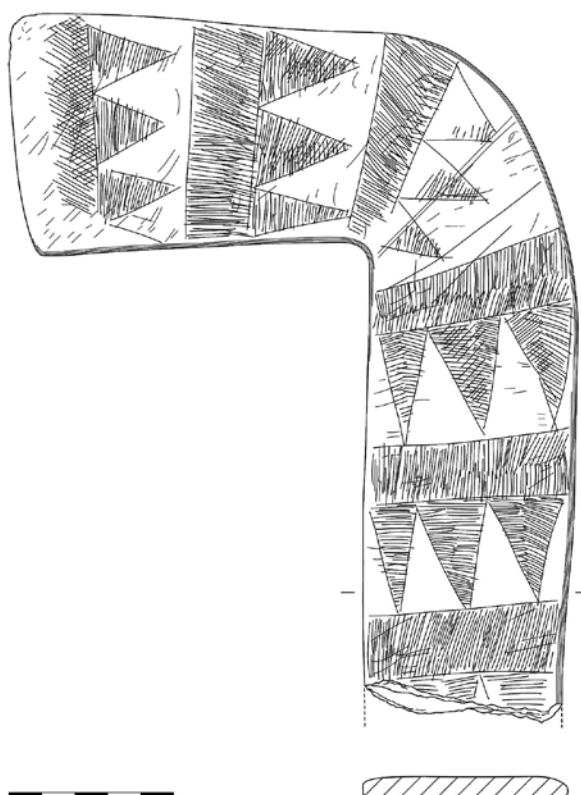


Fig. 17 – Báculo de xisto gravado da Lapa da Galinha, 2002.188.1 (face).

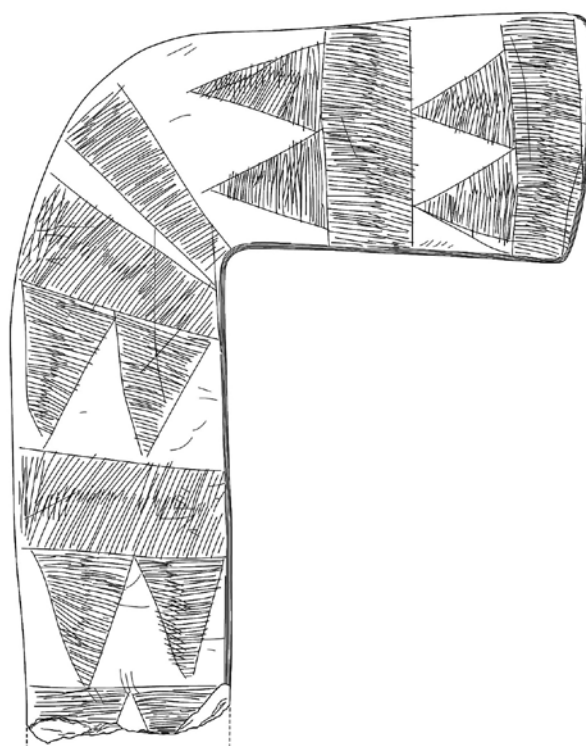


Fig. 18 – Báculo de xisto gravado da Lapa da Galinha, 2002.188.1 (verso).

Lapa da Galinha
MNA 2002.188.1

5 – AS PLACAS VOTIVAS (E O BÁCULO) DA LAPA DA GALINHA NO CONTEXTO DO “MEGALITISMO DE GRUTA” NO MACIÇO CALCÁRIO ESTREMENHO

Paradigma evidente do designado “megalitismo de gruta” (GONÇALVES, 1978a, 1978b; ANDRADE *et al.*, 2010; ANDRADE, no prelo b), a Lapa da Galinha assume-se como um *case study* essencial para a compreensão deste fenómeno (e sua consequente localização exacta, em termos cronológicos e culturais) na área da Estremadura portuguesa. A definição deste conceito basicamente resume-se à adopção, por parte das comunidades estremenhas utilizadoras de grutas naturais para propósitos funerários, de rituais similares aos identificados em monumentos megalíticos ortostáticos, especialmente os do Alentejo central (sendo as placas de xisto gravadas, em dada altura, elemento caracterizador e elo de ligação entre estas duas regiões, nos últimos dois séculos do quarto milénio e na primeira metade do 3.º milénio a.n.e.). Refere-se assim ao “carácter superestrutural do fenómeno megalítico, enquanto conjunto de prescrições rituais transcrito nos vestígios materiais que hoje estudamos” (GONÇALVES, 1978a, p. 159).

Com efeito, se alheássemos os conjuntos votivos identificados na Lapa da Galinha (à parte um ou outro elemento mais característico desta área regional) do seu contexto arqueográfico estrito, não estranharíamos se estes fossem provenientes de um típico monumento megalítico ortostático do Alentejo (mais precisamente da sua área setentrional, como adiante se verá).

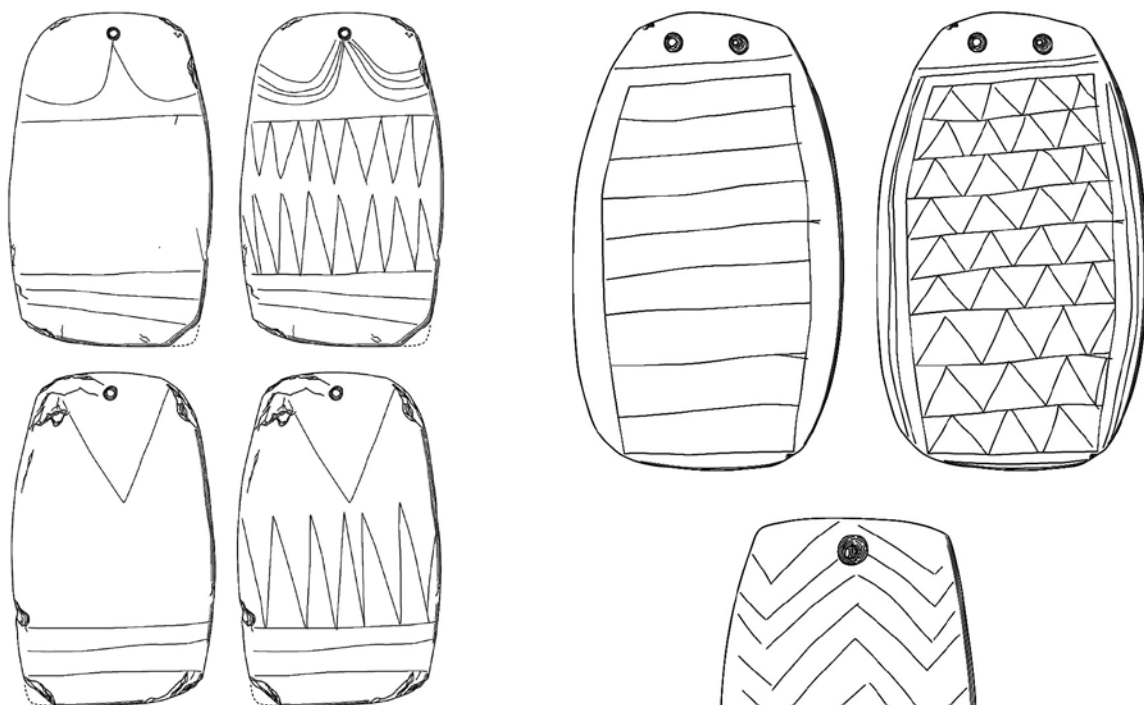


Fig. 19 – Paginação estruturante da placa de xisto gravada 6491, face (*em cima*) e verso (*em baixo*).

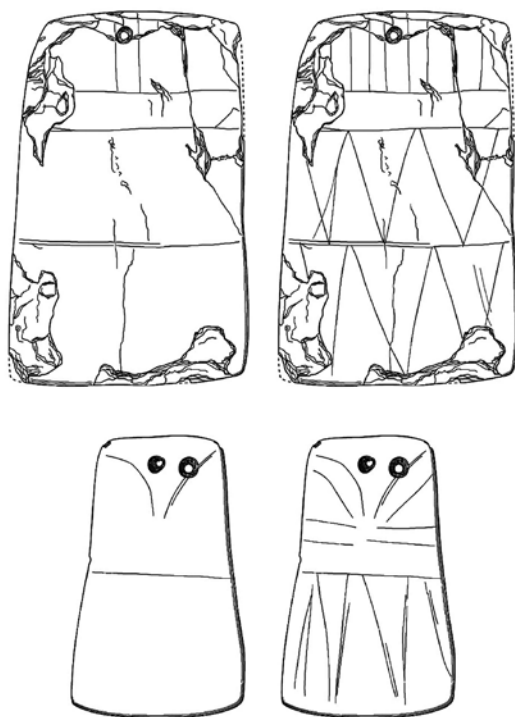


Fig. 20 – Paginação estruturante das placas de xisto gravadas 6600, face (*em cima*) e 6626, face (*em baixo*).



Fig. 21 – Paginação estruturante da placa de serpentinito gravada 6495 (*em cima*), e da placa de xisto gravada 6561, face (*ao centro*) e verso (*em baixo*).

A larga maioria das cavidades cársicas utilizadas para fins funerários durante o 4.º milénio a.n.e. na área estremenha normalmente apresentam parco espólio votivo quando comparado com o número de inumações aí realizadas (*cf.*, por exemplo, Cova das Lapas, GONÇALVES, 1999, ou Algar do Bom Santo, CARVALHO, 2014); quando encontramos um número considerável de artefactos votivos, formando por vezes conjuntos bem individualizados, estamos genericamente perante contextos datáveis dos últimos séculos do 4.º milénio a.n.e., ou talvez já dos primeiros séculos do 3.º milénio a.n.e. É aqui que se inscreve precisamente a Lapa da Galinha, pela quantidade, variedade e excepcionalidade dos componentes dos seus conjuntos votivos.

Exceptuando alguns elementos que poderão sugerir ocupações (não necessariamente funerárias) desta cavidade cársica durante o Neolítico Antigo (tais como cerâmica com decoração incisa e com cordões plásticos entalhados, assim como alguns geométricos característicos, segmentos e trapézios assimétricos sobre lamela), o grosso da informação artefactual remete-nos para utilizações funerárias realizadas entre os últimos séculos do 4.º milénio e primeiros do 3.º milénio a.n.e., principalmente evidente no conjunto das placas votivas, das pontas de seta e dardo, nos punhais, nas “alabardas”, nos alfinetes de cabeça canelada, nas contas de colar bitruncocónicas, etc...

Como dito acima, algumas das placas encontram-se referenciadas a contextos específicos de recolha, designados como “sepulturas”, podendo corresponder a inumações facilmente individualizáveis ou até mesmo estruturalmente delimitadas (à semelhança do reconhecido na Lapa do Bugio e Lapa do Fumo, por exemplo). É assim possível associar certas placas a outros artefactos, reforçando a sua avaliação crono-cultural.

Por exemplo: a placa fenestrada 6468, proveniente da “sepultura 15”, encontrava-se associada a um vaso cerâmico (6469); a placa de xisto gravada em ambas faces 6491, proveniente da “sepultura 11”, encontrava-se associada a uma ponta de seta de sílex (6487); a placa de xisto antropomórfica 6627, proveniente da “sepultura 39”, encontrava-se associada a um punhal de sílex (6590); a placa de micaxisto antropomórfica 6663, proveniente da “sepultura 35”, encontrava-se associada a um punhal (6659) e uma lâmina de sílex (6661), havendo igualmente referências a uma alabarda (6660) e uma conta de colar atribuídas indistintamente à “sepultura 35 ou 37”; a placa de xisto gravada 6683, proveniente da “sepultura 38”, encontrava-se associada a um vaso cerâmico (6682); a placa de xisto 6701, proveniente da “sepultura 48”, não se encontra associada (tendo em conta as notas de inventário do MNA) a qualquer outro artefacto.

Obviamente que mais espólio poderia estar, em princípio, associado a estas placas. Contudo, não se encontra qualquer outra referência de associações directas nas notas de inventário do MNA. Seja como for, as associações possíveis de pelo menos parte do conjunto aqui estudado não destoam daquilo que é reconhecido para finais do 4.º e inícios do 3.º milénio a.n.e., em que os contextos votivos incluem recipientes cerâmicos (neste caso, pequenas taças em calote lisas e mesmo pequenos vasos carenados do tipo Crato/Nisa), peças bifaciais (pontas de seta, punhais, alabardas), grandes lâminas retocadas e contas de colar.

No entanto, existem conjuntos nesta área regional que não se incluem nas associações acima descritas. Parece, pois, que se registam dois momentos funerários crono-culturalmente distintos (ZILHÃO & CARVALHO, 1996): o primeiro caracteriza-se pela utilização votiva de geométricos, pequenas lâminas, furadores em osso, braceletes de *Glycimeris*, artefactos de pedra polida e escassa cerâmica (Cabeço dos Mosqueiros, Lapa da Modeira, Lapa dos Namorados, Entrada Superior 2 do Almonda, Algar do Barrão, Carrascos, Lugar do Canto...), referindo-se a contextos datáveis do Neolítico “médio”; o segundo, é representado pela presença de pontas bifaciais, lâminas retocadas, cerâmica e placas de xisto gravadas (Lapa da Galinha, Lapa da Bugalheira, Marmota, Cova das Lapas, Pragais, Gruta 9 das Redondas, Gruta do Cabeço da Ministra, Gruta de Vale do Touro 4, Calatras 4), referindo-se já a contextos do Neolítico final ou mesmo do Calcolítico Inicial.

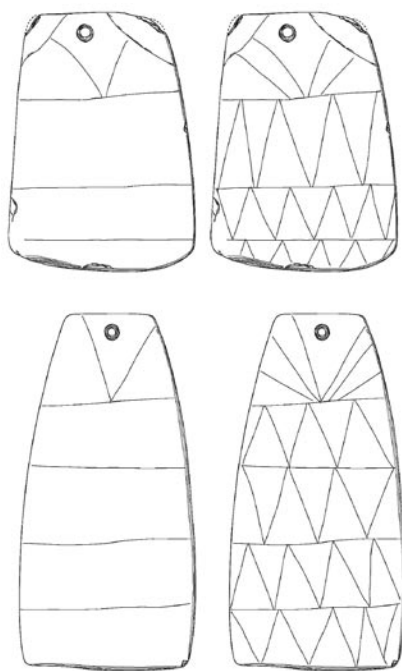


Fig. 22 – Paginação estruturante das placas de xisto gravadas 6683 (*em cima*) e 6701 (*em baixo*)

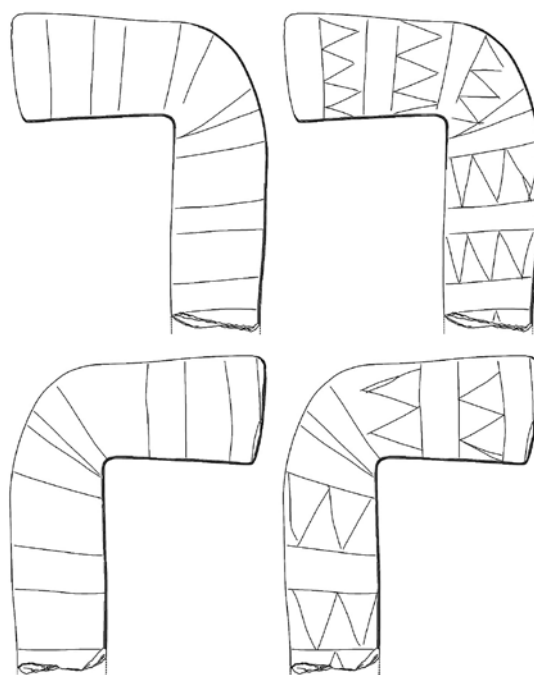


Fig. 23 – Paginação estruturante do báculo de xisto gravado 2002.188.1, face (*em cima*) e verso (*em baixo*).

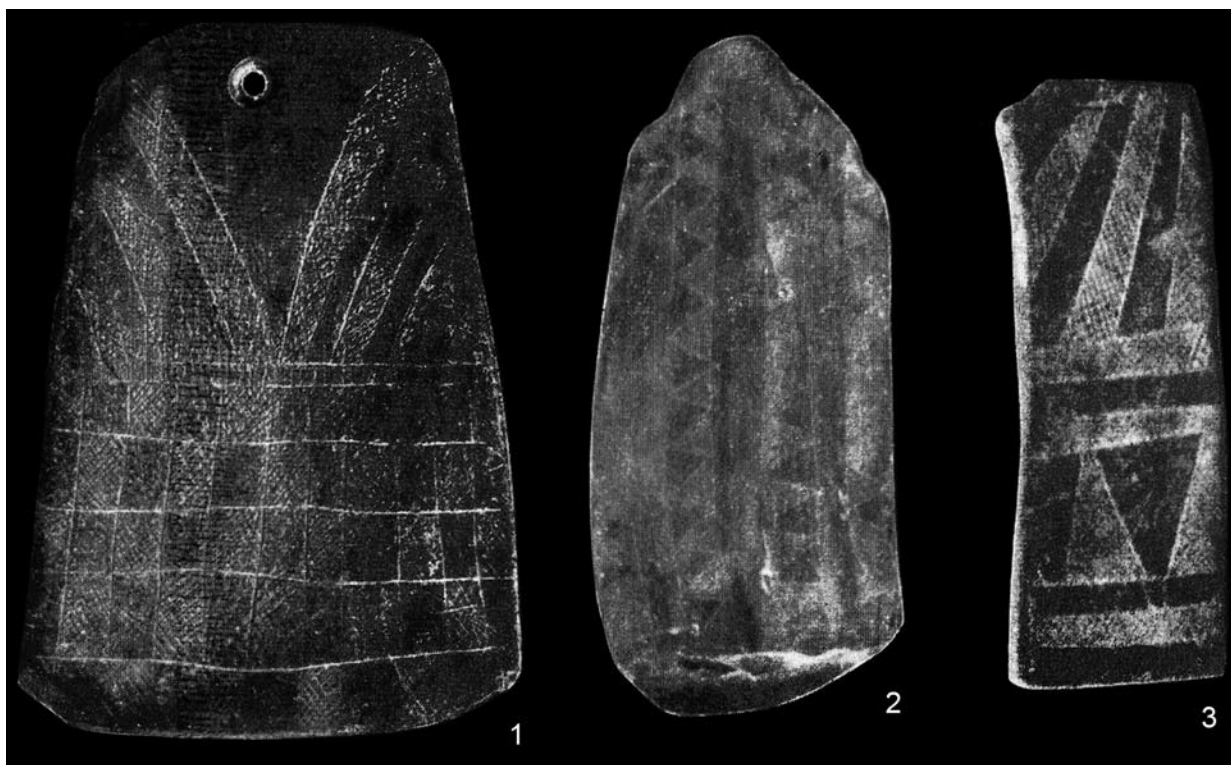


Fig. 24 – As placas do Museu Antropológico da Universidade do Porto e do Museu de Santarém, segundo SÁ, 1959, Fig. 10,1-3 (remontada, sem escala no original). 1: placa de xisto gravada com campo de xadrez; 2: possível báculo reaproveitado; 3: placa de xisto antropomórfica “de suspensórios” reaproveitada.

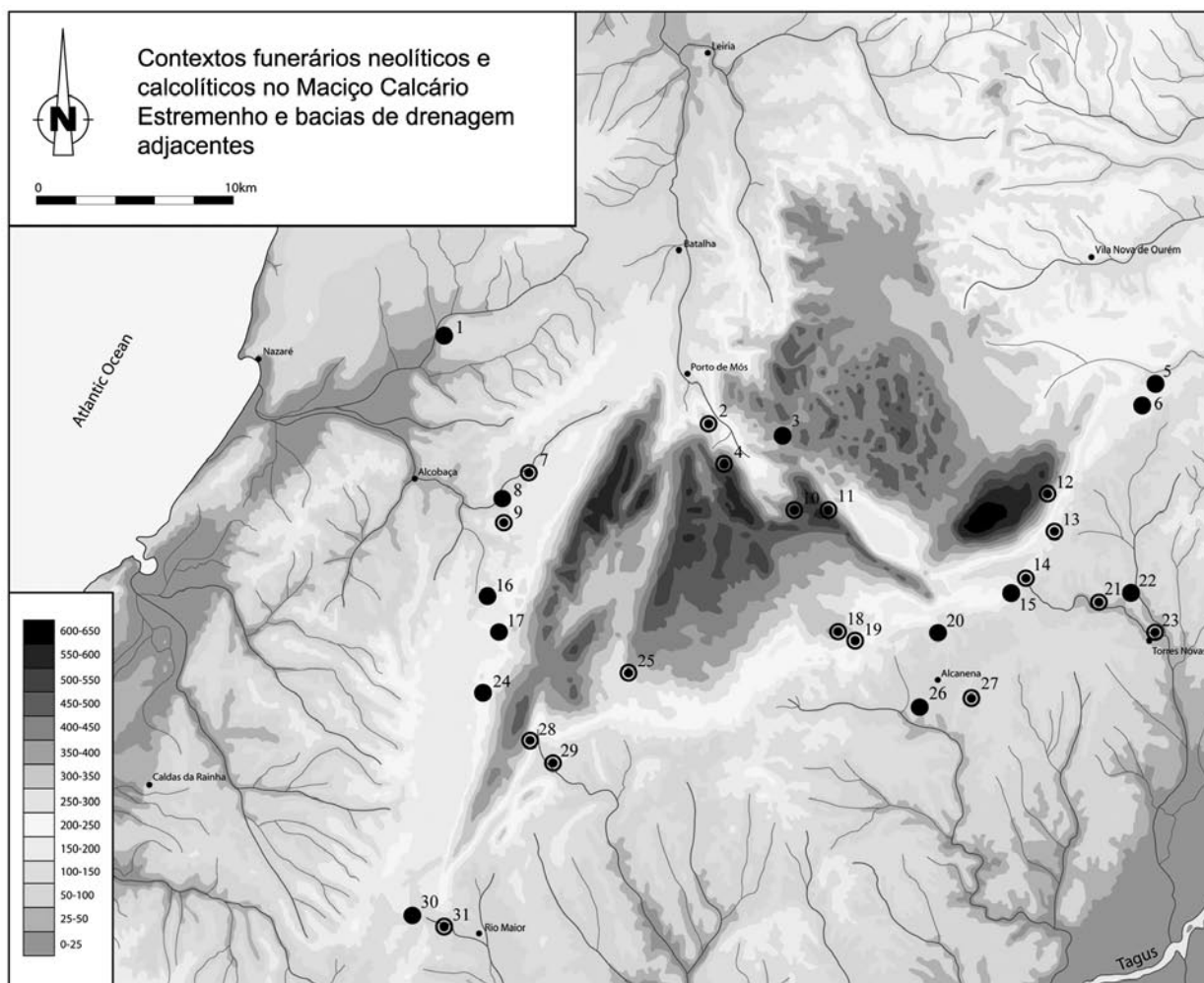


Fig. 25 – Contextos funerários neolíticos e calcolíticos no Maciço Calcário estremenho (os círculos cheios correspondem a contextos com placas de xisto gravadas). 1: Cova das Lapas (gruta natural); 2: Lapa da Mouração (gruta natural); Pragais (indeterminado); 4: Cova da Velha (gruta natural); 5: Bezelga (gruta natural); 6: Buraca da Moura da Rexaldia (gruta natural); 7: Cadoiço (gruta natural); 8: Carvalhal de Aljubarrota (grutas naturais: Cabeço dos Mosqueiros, Ervideira, Cabeço Rastinho, Calatras, Pena da Velha, Cabeço da Ministra, Vale da Lapa); 9: Lagoa do Cão (gruta natural); 10: Covão do Poço (gruta natural); 11: Ventas do Diabo (gruta natural); 12: Lapa da Modeira (gruta natural); 13: Lapa dos Namorados (gruta natural); 14: Nascente do Almonda (gruta natural: Entrada Superior 2); 15: Lapa da Bugalheira (gruta natural); 16: Vale do Touro (gruta natural); 17: Redondas 9 (gruta natural: Algar João Ramos); 18: Carrascos (gruta natural); 19: Algar do Barrão (gruta natural); 20: Lapa da Galinha (gruta natural); 21: Ribeira Branca 1 e 2 (grutas artificiais); 22: Lapas (gruta artificial); 23: Convento do Carmo (gruta artificial); 24: Carvalhal (gruta natural); 25: Lugar do Canto (gruta natural); 26: Marmota (gruta natural); 27: Fonte Moreira (anta); 28: Alcobertas (gruta natural); 29: Alcobertas (anta); 30: Senhora da Luz 1 e 2 (grutas naturais); 31: Buraca dos Mouros (gruta natural). Base cartográfica redesenhada a partir de Martins, 1949.

Registam-se, igualmente, nesta unidade regional (o Maciço Calcário Estremenho) contextos funerários de tipos diversos: grutas naturais, grutas artificiais (Ribeira Branca, Lapas, Convento do Carmo), monumentos ortostáticos (Alcobertas, Fonte Moreira) e de tipo indeterminado (Pragais). Estão ausentes, contudo e até ao momento, os *tholoi*, cujo limite setentrional teórico continua fixado a norte pelos monumentos do Pai Mogo, Lourinhã.

Reafirmando a relativa raridade das placas de xisto gravadas nos conjuntos votivos do Maciço Calcário Estremenho, sendo visivelmente minoritárias quando comparado o seu número com o de outros artefactos

(cf. ANDRADE *et al.*, 2010), a larga maioria dos contextos funerários que se poderão paralelizar com a Lapa da Galinha não oferecem grandes motivos de comentário, referindo-se a exemplares “clássicos” ou fragmentos que não possibilitam rigorosa classificação (como na Lapa da Bugalheira ou Bezelga, por exemplo).

Contudo, existem exemplares que, à semelhança daqueles da Lapa da Galinha, se destacam pela sua “originalidade” (principalmente dentro do meio geográfico e cultural em que se incluem). Salientam-se, neste contexto, as placas oculadas da Buraca da Moura da Rexaldia e as das Lapas, as placas gravadas em ambas faces de Pragais e Vale do Touro 4, a placa antropomórfica de Buraca da Moura da Rexaldia, a placa antropomórfica com Colar de Cabeço da Ministra, as placas reaproveitadas de Cabeço da Ministra e Calatras 4, as placas de serpentinito das Lapas e Marmota...

Com efeito, tanto as placas oculadas da Buraca da Moura da Rexaldia e das Lapas como a placa antropomórfica do Cabeço da Ministra (comentada mais à frente a respeito da simbologia do Colar) apresentam características que as distinguem na colectânea das placas de xisto gravadas, não só do contexto geocultural do Maciço Calcário Estremenho como também de todo o Sudoeste peninsular.

No contexto geográfico em que a Lapa da Galinha se inclui, o paralelo directo que se poderá referir será obviamente o da gruta da Marmota, tanto pela proximidade como pela aparente sincronia cronológica. Apesar de muito fragmentado, provavelmente na sequência de uma ocupação funerária da Idade do Bronze, o conjunto da gruta da Marmota inclui alguns elementos que merecem referência, destacando-se as placas de xisto gravadas (um exemplar oculado e um exemplar de contorno antropomórfico com motivo facial semelhante àquele registados nas placas 6627 e 6663 da Lapa da Galinha), as placas de serpentinito gravadas e as placas de grés (de contorno hiperbolóide lisas, e gravadas com linhas zigzagueantes horizontais, motivo por vezes presente no verso das placas de grés esculpidas com figuração antropomórfica).

Mas, como referido, duas razões fazem sobressair o conjunto da Lapa da Galinha neste contexto regional.

Em primeiro lugar, destaca-se o número relativamente elevado de exemplares para o contexto regional em que se encontra. Para os conjuntos acima referidos, o número de placas de xisto gravadas raramente excede os cinco exemplares (exceptuando-se os casos de Cova da Moura, Casa da Moura, Correio-Mor e Lapa do Bugio,

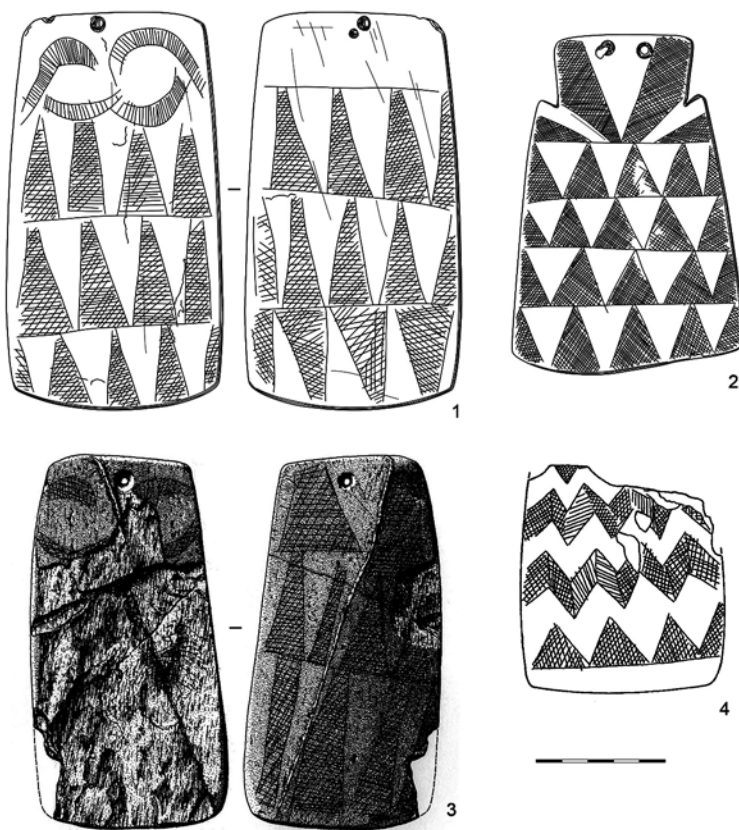


Fig. 26 – Exemplos de placas gravadas de contextos funerários do Maciço Calcário Estremenho. 1: placa de xisto oculada gravada em ambas faces da gruta da Buraca da Moura da Rexaldia (adaptado de ANDRADE *et al.*, 2010, p. 246, Fig. 5); 2: placa de xisto antropomórfica da gruta da Buraca da Moura da Rexaldia (adaptado de ANDRADE *et al.*, 2010, p. 247, Fig 7); 3: placa de xisto oculada gravada em ambas faces da gruta artificial das Lapas (adaptado de CARREIRA, 1996, p. 88, Est. 8); 4: placa de serpentinito da gruta artificial das Lapas (adaptado de CARREIRA, 1996, p. 87, Est. 7).

esta última já em princípios do estuário do Sado). Na Lapa da Galinha, recolheram-se 18 elementos, se contarmos as placas de xisto (e seus sucedâneos, como o micaxisto e o serpentinito), a placa de grés e os báculos. Mas, ainda assim, teriam um peso “secundário” nos rituais funerários aí realizados, pois estes 18 elementos distribuem-se por um mínimo de cerca de 70 deposições aí identificadas. Correspondem assim a 28% do total das inumações conhecidas, registando-se assim o triplo de deposições sem placas votivas, mesmo que necessariamente não correspondam todas à mesma etapa cronológica. Esta quantificação contabilizou individualmente os báculos, assumindo que as inumações acompanhadas por estes artefactos talvez não fossem acompanhadas por placas de xisto gravadas, o que não é certo. Para o báculo do Museu de Santarém (reaproveitado como placa) esta situação parece óbvia; no entanto, para o báculo 2002.188.1, esta assunção é contestável. Tendo em conta outros exemplos arqueográficos, poder-se-á admitir que um mesmo indivíduo poderia ser acompanhado simultaneamente por uma placa de xisto e por um báculo, como se parece atestar no monumento de Lobeira de Baixo 2. Com efeito, na anta de Lobeira de Baixo 2, Montemor-o-Novo (monumento CI de Manuel Heleno, Cadernos 19 e 20), refere-se a identificação de “2 esqueletos à profundidade de 1 m, com as cabeças voltadas para SW e talvez no começo para W, tendo um deles sobre o peito um objecto de forma de báculo, com decoração, que parecia agarrar com a mão direita”, referindo-se também à recolha de uma placa de xisto gravada junta a esta inumação.

Em segundo lugar, destaca-se a excepcionalidade da sua iconografia, tanto a nível dos contornos como dos motivos decorativos, sendo ambos, de certa maneira, originais, para este âmbito geográfico, encontrando-se os principais paralelos directos na área alto-alentejana e hispano-estremenha.

Assim, em relação aos motivos iconográficos específicos das placas votivas da Lapa da Galinha, estes destacam-se, e apesar dos exemplares notáveis recolhidos em outros contextos funerários do Maciço Calcário Estremenho referidos acima, por “repetição” e por “autonomia”, a primeira para os que reproduzem os motivos dominantes no Alto Alentejo e no Alentejo Médio, a segunda pela significativa presença das placas bipolares e de simbologias pouco usadas fora de esta região.



Fig. 27 – Exemplos de placas gravadas de contextos funerários do Maciço Calcário Estremenho. 1: placa de xisto da gruta artificial das Lapas (adaptado de CARREIRA, 1996, p. 87, Est. 7); 2: placa de xisto gravada em ambas faces da “sepultura” de Pragais (adaptado de SOUSA, 2004, p. 111, Fig. 19); 3: placa antropomórfica com Colar da gruta do Cabeço da Ministra (desenhado a partir de GONÇALVES, 1978b, p. 69, Est. IX); 4: fragmento de placa de xisto reaproveitada gravada com faixas ziguezagueantes não compartimentadas da gruta do Cabeço da Ministra (adaptado de GONÇALVES, 1978, p. 46, Fig. 22).

6 – ALGUNS COMENTÁRIOS BREVES ÀS PLACAS DA LAPA DA GALINHA

6.1 – Placas com colar

As placas com colar não são comuns em todos os contextos de placas, mas muitas figurações da Deusa no Mediterrâneo as têm, incluindo estelas e estatuetas de menores dimensões. É um tema a desenvolver em breve, mas não se pode deixar de salientar que o motivo vem do Neolítico antigo e está presente nos mitos sumérios como o da descida de Inanna aos Infernos. A placa de Alcobaça é o melhor exemplo conhecido, mas a interpretação de uma das placas de Aljezur pode também ilustrar esta situação, ainda que sob a forma de “sugestão” e num enquadramento imediato ambíguo, como é o caso da placa de Aljezur MNA 985.39.50 (GONÇALVES, 2005, p. 52-53 e Figs. 16, 70 e 103, em cima).

6.2 – As placas fenestradas e as placas com bandoleira dupla

A interpretação das placas fenestradas como placas com componentes antropomórficos reforçados parece não necessitar de mais argumentos, para além dos referentes à sua própria observação, mas o mesmo não acontece com as placas com bandoleira dupla. De que se trata aqui?

Bem, poderíamos estar perante as raras representações nas placas que podem ter mais a ver com os inumados que com os seus Protectores na morte. Representaria a bandoleira dupla as ligaduras que, apertando o cadáver, reduziriam o espaço necessário para o depositar?

Não é impossível, mas pode também tratar-se de um “erro periférico”, compreensível pela distanciação relativa ao lugar típico de origem das placas. Na periferia dos complexos mágico-religiosos, a totalidade dos

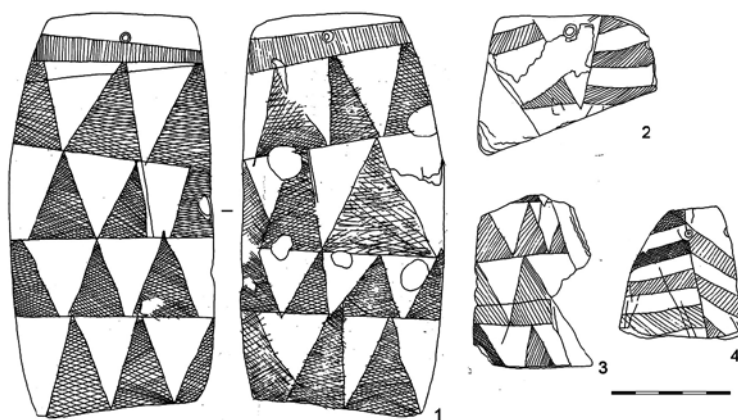


Fig. 28 – Exemplos de placas gravadas de contextos funerários do Maciço Calcário Estremenho. 1: placa de xisto gravada em ambas faces da gruta de Vale do Touro 4 (adaptado de GONÇALVES, 1978, p. 47, Fig. 23); 2: fragmento de cabeça de placa de xisto da gruta do Cabeço da Ministra (adaptado de GONÇALVES, 1978b, p. 46, Fig. 22); 3: fragmento de base de placa de xisto da gruta do Cabeço da Ministra (adaptado de GONÇALVES, 1978b, p. 46, Fig. 22); 4: placa de xisto reaproveitada da gruta de Calatras 4 (adaptado de GONÇALVES, 1978b, p. 46, Fig. 22).

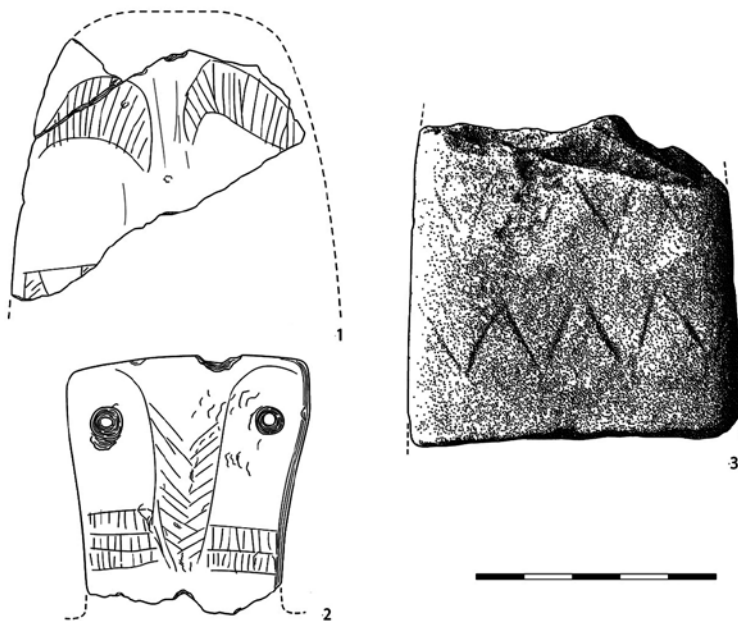


Fig. 29 – Placas votivas da gruta da Marmota. 1: fragmento de placa de xisto com representação de sobrancelhas ou arcadas supraciliares; 2: fragmento de placa de xisto antropomórfica com representação facial; 3: fragmento de placa de grés gravada com linhas ziguezagueantes.

mitos não é necessariamente preservada na sua integralidade e a falta ou presença de componentes não é forçosamente significativa, a não ser de isso mesmo.

6.3 – Placas reaproveitadas

Abordámos já este assunto (GONÇALVES, PEREIRA & ANDRADE, 2003, p. 209-244) e não se vê razão para se repetir o que então se disse. Uma das placas hoje em Santarém, a n.º 3 da fotografia específica, foi reaproveitada a partir de um tipo bem conhecido no Alto Alentejo e que, portanto, existia na Lapa da Galinha. As minorias têm, em contextos como estes, uma importância tão grande ou maior que as maiorias.

6.4 – Placas de serpentinito com moldura

As placas de serpentinito (ou as suas congêneres de coloração esverdeada, de xisto anfibólico) oferecem por si só, normalmente, motivos decorativos próprios dentro do panorama geral das placas de xisto gravadas, nomeadamente, e na larga maioria dos casos registados (destacando-se os notáveis exemplares da Anta 2 de Olival da Pega), a típica cabeça curta com dupla perfuração, separada do corpo por faixa horizontal preenchida, sendo a decoração deste composta por largas faixas zigzagueantes não compartimentadas ou bandas de pequenos triângulos preenchidos, oferecendo uma especial concentração na área alentejana. Algumas entram na categoria das placas acéfalas.

Existem, neste contexto, exemplares que sobressaem do conjunto por apresentarem uma moldura externa envolvendo o motivo decorativo central, de que é exemplo a placa 6495 da Lapa da Galinha.



Fig. 30 – Alguns exemplos de placas de contorno antropomórfico com representação de Colar estilizado (algumas com representação de braços e mãos, à semelhança das suas congêneres em grés), provenientes de contextos albicastrenses, alto-alentejanos e hispano-estremenhos. 1: Idanha-a-Nova (adaptado de LEISNER, 1998, Taf. 75); 2: Bola da Cera (adaptado de OLIVEIRA, 2012, p. 64); 3: Horta (adaptado de OLIVEIRA, 2006, p. 146); 4: Lanchas 1 (adaptado de BUENO RAMÍREZ, 1992, p. 587, Fig. 15).

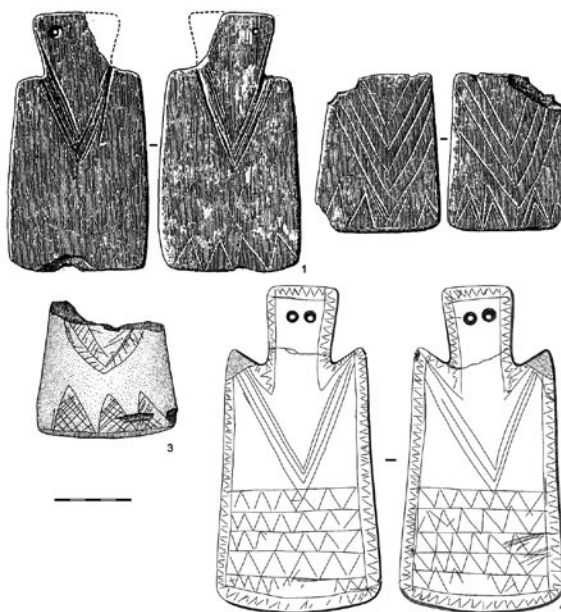


Fig. 31 – Alguns exemplos de placas de contorno antropomórfico com representação do colar estilizado, provenientes de contextos hispano-estremenhos e centro-alentejanos. 1-2: Vega del Guadancil 1 (adaptado de LEISNER & LEISNER, 1959, Taf. 55); 3: Lanchas 1 (adaptado de BUENO RAMÍREZ, 1988, Fig. 51); 4: Cabacinhitos (adaptado de GONÇALVES *et al.*, 2005, p. 58-59, Fig. 13A-B).

Outros exemplares conhecidos equiparam-se à placa aqui estudada. Curioso é notar que dois deles, e apesar da supracitada particular incidência das placas de serpentinito no Alentejo, se referem a contextos estremenhos (Cabeço da Arruda 1 e Lapa do Bugio, uma gruta artificial e uma gruta natural, respectivamente).

A placa de Cabeço da Arruda 1 tem uma moldura formada por faixas oblíquas preenchidas, apresentando ainda uma Banda de Indicação de fim de placa formada por motivo “em espinha” horizontal (tendo ainda a particularidade de a cabeça ser decorada por dois triângulos preenchidos com o vértice para cima ladeando a dupla perfuração). A placa da Lapa do Bugio apresenta moldura formada por duas faixas verticais preenchidas enquadrando o motivo central do corpo, possuindo ainda uma faixa horizontal preenchida junto ao seu bordo superior, uma “franja” semelhante à registada na placa 42791 da gruta artificial de Carenque 1. A placa de Vidais apresenta moldura composta por bandas de triângulos preenchidos com o vértice voltado para o interior da placa, apresentando ainda a dupla perfuração na área do corpo, talvez devido a uma má paginação da cabeça (apresentando-se excessivamente curta). A placa da Cueva de la Mora apresenta moldura composta por motivo “em espinha” vertical, no sentido ascendente no bordo esquerdo e descendente no bordo direito, apresentando ainda motivo híbrido no corpo, composto por uma primeira banda de triângulos preenchidos com o vértice para cima (podendo igualmente ser interpretado como a faixa separadora cabeça/corpo) à qual se sucedem faixas ziguezagueantes não compartimentadas.

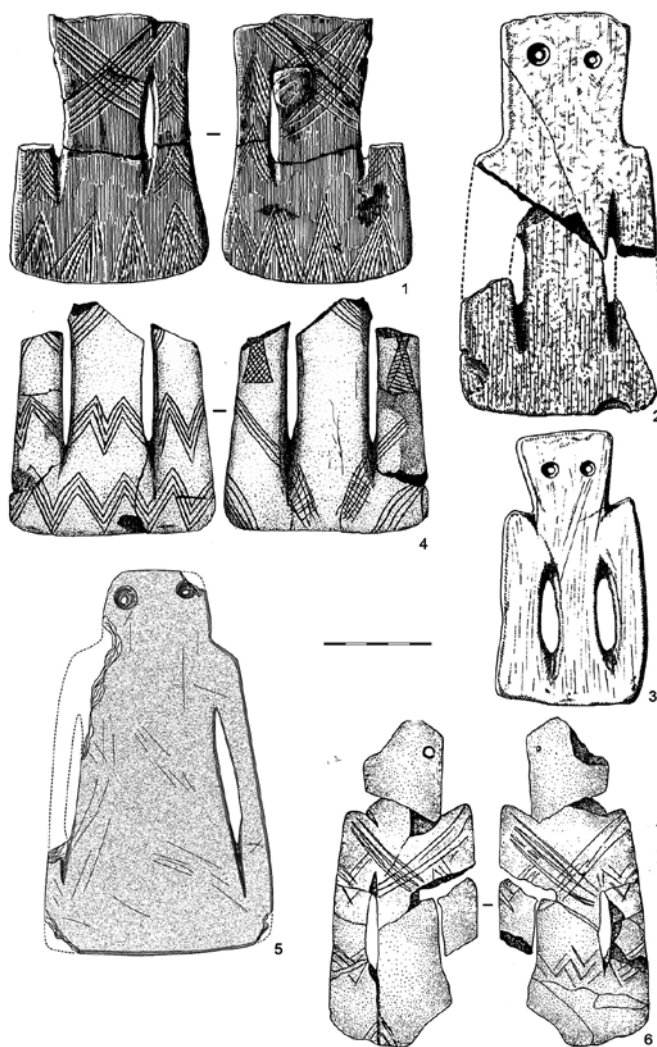


Fig. 32 – Alguns exemplos de placas fenestradas de contorno antropomórfico, lisas e decoradas (algumas inclusive com motivo em X na área do torso e outros motivos análogos aos das placas com Colar estilizado), provenientes de contextos albicastrenses, alto-alentejanos e hispano-estremenhos. 1: Idanha-a-Nova (adaptado de LEISNER, 1998, Taf. 75); 2-3: Ferreirinhos (adaptado de LEISNER, 1998, Taf. 74); 4: Pombais (adaptado de OLIVEIRA, 2012, p. 157); 5: Couto de Andreiros 2 (desenhado a partir de ISIDORO, 1967-1968, Fig. 7); 6: Lanchas 1 (adaptado de BUENO RAMÍREZ, 1992, p. 588, Fig. 16).

6.5 – O báculo MNA 2002.188.1, de contornos rectilíneos

Quanto a este báculo, ele distingue-se, sem dúvida, de qualquer um dos seus congéneres pela geometria da cabeça, sendo em ângulo sensivelmente recto, opondo-se aos restantes exemplares, mais ou menos encur-

vados. É reconhecida a peculiaridade dos báculos da área da Estremadura, sendo contudo assumida principalmente a nível dos motivos decorativos, como se atesta nos exemplares da anta da Estria e da gruta da Casa da Moura.

Morfologicamente, o báculo da Lapa da Galinha poderia assemelhar-se, de algum modo, a um machado encajado, o que levou M. Heleno a considerá-lo como uma evidência do “culto do machado” no Neolítico (HELENO, 1942). Esta interpretação foi partilhada por O. da Veiga Ferreira, apesar das violentas críticas que então lançou a M. Heleno (FERREIRA, 1973b). Nesse trabalho, O. da Veiga Ferreira apresenta igualmente o báculo da Lapa da Galinha, referindo-o como proveniente de Cacela (Martim Afonso). Ora nem o sítio de Martim Afonso se situa em Cacela (mas em Muge), nem o báculo é daí proveniente (tanto de Cacela como de Martim Afonso), tratando-se claramente do báculo da Lapa da Galinha... De qualquer forma, decorridos mais de cem anos, em que a investigação do Megalitismo trouxe numerosíssimos elementos novos, nenhum outro de este tipo foi encontrado. Estamos, portanto, claramente,

perante um produto que representa eventualmente uma adaptação local de uma forma anterior ou que traduz mesmo originalidade de artesanato ou uma decisão individual de um chefe de grupo ou de clã...

Mais importante é o facto de nele (como na maior parte dos outros) estarem representados os mesmos motivos que nas placas de xisto “tradicionais”. Se estas apresentassem, como alguns afirmaram, motivos de uma peça de vestuário, estaria assim o báculo (ou o machado) provido de roupagens?

O que há a reter é que numa dada fase de utilização da Lapa da Galinha, tendo em conta as características iconográficas específicas das suas placas votivas, se confirma aquilo que já foi defendido em outros locais pelos signatários (GONÇALVES, 1978b, 2011; ANDRADE, 2009, no prelo a, no prelo b; ANDRADE *et al.*, 2010): a existência de um eixo efectivo de circulação ligando a Estremadura ao Alentejo (que se estenderá também à baixa peneplanície albicastrense), possivelmente relacionado com o intercâmbio de matérias-primas essenciais (SOUSA & GONÇALVES, 2012), reflectindo desta maneira a circulação não só de gentes e bens, como também de ideias.



Fig. 33 – Alguns exemplos de placas gravadas com motivo em X (algumas de contorno antropomórfico), provenientes de contextos alto-alentejanos, hispano-estremenhos e centro-alentejanos. 1: Bola da Cera (adaptado de OLIVEIRA, 2012, p. 63); 2-3: Alcogulo 1 (adaptado de OLIVEIRA, 2012, p. 177); 4: Dacosta 2 (desenhado a partir de ISIDORO, 1973, Figs. 12-13); 5: Alcarapinha (adaptado de LEISNER & LEISNER, 1959, Taf. 11); 6: Comenda da Igreja (adaptado de LEISNER & LEISNER, 1959, Taf. 27).

Estas relações foram comprovadas com recentes análises isotópicas realizadas sobre restos humanos provenientes de contextos funerários estremenhos, sendo especialmente esclarecedores os resultados daquelas referentes à gruta da Cova da Moura, confirmando-se que pelo menos parte dos indivíduos aí inumados seria originalmente proveniente do Alentejo (WATERMAN *et al.*, 2013), o que certas características do espólio votivo, nomeadamente o número de placas de xisto gravadas e placas de grés, já permitia supor à primeira vista (SPINDLER, 1981). Isto sem esquecer a pequena dimensão da amostra.

No contexto destas movimentações, o curso do Tejo terá desempenhado papel fundamental na ligação de estas duas regiões. Também outros cursos de água subsidiários terão funcionado como eixos de circulação, tais como a Ribeira de Muge e o Rio Sorraia, este último particularmente importante devido à confluência das Ribeiras de Sor e Seda (por Norte) e de Raia e Divor (por Sul), sugerindo o cruzamento cultural teórico dos grupos megalíticos do Alto Alentejo e do Alentejo central. Tal realidade poderá ser confirmada pelos enterramentos “culturalmente megalíticos” de Sobral do Martim Afonso e Monte da Barca (ANDRADE, *no prelo*; GONÇALVES, 2011), revelando igualmente o segundo algumas influências alto-alentejanas, lidas numa ou outra placa de xisto gravada e nos pequenos vasos carenados de tipo Crato/ Nisa.

Estes caminhos, obviamente reforçados durante os processos de consolidação das antigas sociedades camponesas do Neolítico final e Calcolítico, estariam activos pelo menos desde o Neolítico Médio, segundo as análises isotópicas do Algar do Bom Santo (CARVALHO, 2014) e também evidentes nos dados da gruta do Escoural (ARAÚJO & LEJEUNE, 1995). Contudo, terão funcionado igualmente já durante o Neolítico antigo, como sugere especificamente a definição das proveniências das matérias-primas siliciosas de Casas Novas (Sorraia, monografia em preparação), com fontes de aprovisionamento localizadas na área do Maciço Calcário Estremenho, contrapondo-se às características do catálogo cerâmico (a nível de motivos decorativos) que recolhe paralelos em áreas mais interiores. Esta circulação de matéria-prima, reforçada durante o Neolítico Final e Calcolítico (SOUSA & GONÇALVES, 2012; THOMAS, 2011), é particularmente evidente quando comparamos (a nível de proveniência de matérias-primas e morfotipologia dos artefactos) o conjunto de peças bifaciais da anta de Penedos de São Miguel (Crato) e da gruta da Marmota (escavações de VSG, colecções em estudo na UNIARQ).

Estes contactos efectivos encontram evidências materiais, na área do Maciço Calcário Estremenho e, para além das placas votivas da Lapa da Galinha aqui apresentadas, nas placas de xisto e grés presentes nas grutas da Marmota, Buraca da Moura da Rexaldia, Carvalhas e Lapas, assim como pelos pequenos vasos carenados

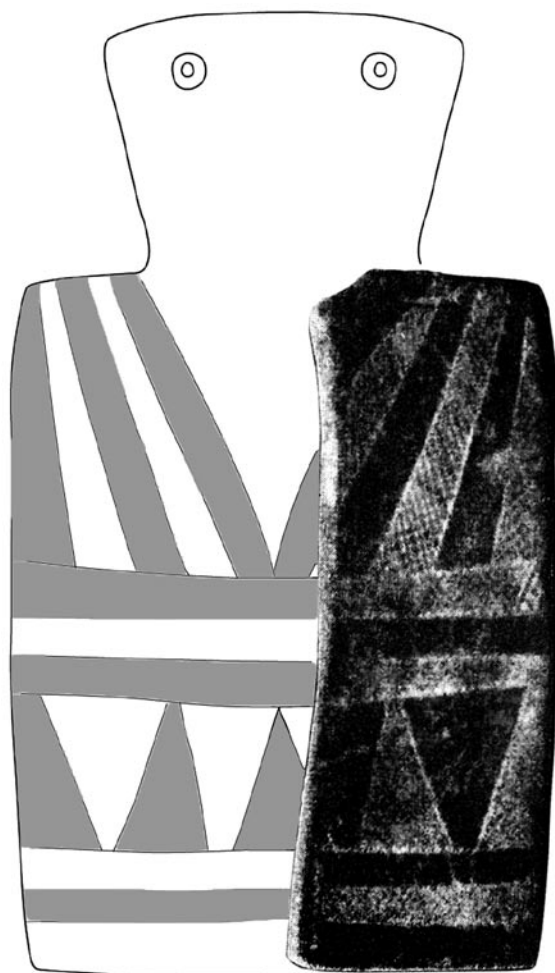


Fig. 34 – Proposta de reconstituição de uma placa do Museu de Santarém, a partir da imagem publicada por Sá (Fig. 10 do artigo original).

mamilados de tipo Crato/ Nisa presentes nas grutas da Bugalheira e igualmente Buraca da Moura da Rexaldia e Lapa da Galinha, sendo de referir igualmente a placa com “falsos olhos” da gruta do Cabeço da Ministra...

7 – DE NOVO, INSISTINDO, EM TORNO ÀS PLACAS VOTIVAS DA LAPA DA GALINHA

Há sem dúvida, a propósito das placas de xisto gravadas da Lapa da Galinha, algumas observações finais e, sobretudo, algumas questões definitivamente em aberto e outras não. Vamos vê-las uma a uma:

1. *A distribuição por sepultura das placas da Lapa da Galinha denuncia uma ocupação homogênea e localizada dentro da necrópole pré-existente? Um verdadeiro núcleo próprio?*

Bem gostaríamos de o saber, mas sem a planta de localização das sepulturas é impossível responder. Como sabemos, as sepulturas onde se identificaram placas (ou melhor: as placas com identificação de proveniência) são poucas. Podem talvez agrupar-se em categorias de interproximidade. Mas não sabemos como foram as sepulturas numeradas. Da entrada para a parede Interior? Em direcções laterais?

Três Grupos parecem destacar-se:

(A) Sepulturas 11, 15; placa fenestrada 6468 e placa bipolar 6491, com um par de tatuagens ou pinturas na face;

(B) Sepulturas 35, 38, 39; placa 6663, com colar (em V, e não em U), na face e verso, semelhante à de Cabeço da Ministra, Alcobaça, placa com Orelhas de Coelho 6683 na cabeça e triângulos no corpo, placa recortada 6627 com faixas preenchidas quebradas, formando colar duplo, na face e no verso. Na face, na base, há uma contraposição de dois triângulos preenchidos.

(C) Sepultura 48; placa 6701, “clássica”, com corpo com triângulos e cabeça radiante. Há alguma similitude de motivos e categorias entre estas placas. Mas onde estão as outras?

2. *É válido usar como critério classificativo das placas o motivo dominante do corpo, independentemente da organização da cabeça?*

É uma questão em aberto, e controversa. Um de nós (VSG) tem em cons-

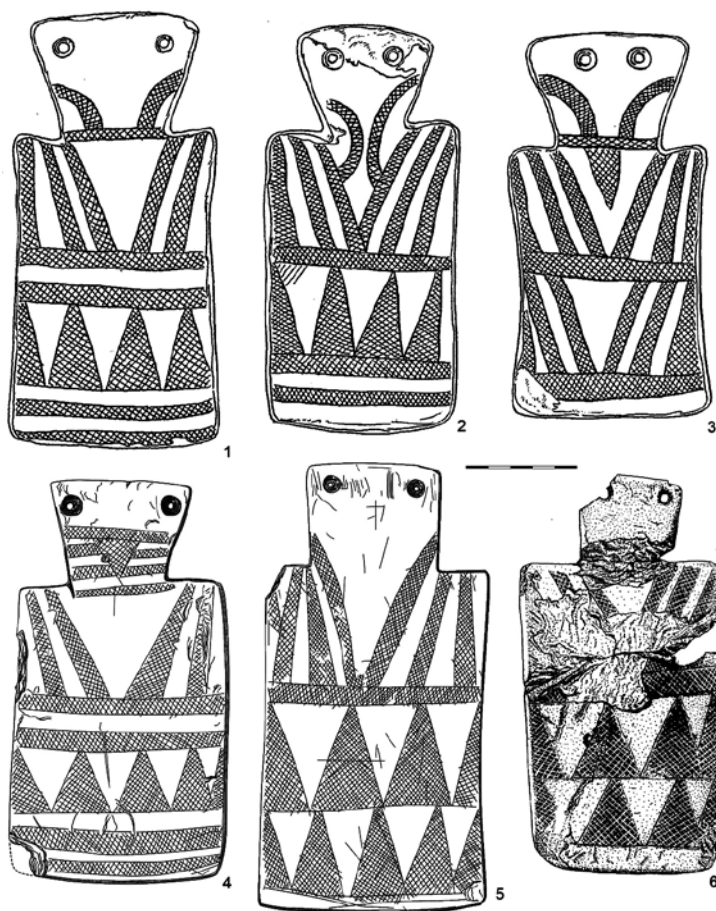


Fig. 35 – Alguns exemplos de placas antropomórficas “de suspensórios”, provenientes de contextos alto-alentejanos e hispano-estremenhos. 1-3: Marquesa (adaptado de LEISNER & LEISNER, 1959, Taf. 4; 4: Couto de Enchares (desenhado a partir de ISIDORO, 1965-1966); 5: Avis (7873); 6: Maimón 1 (adaptado de BUENO RAMÍREZ *et al.*, 1998, p.147, Fig. 8).

trução o que chamou uma “não tipologia” para as placas. Mas há tempo de espera para a discussão de este item específico. Um exemplo para abertura de categorias “indiscutíveis” na série da Lapa da Galinha é MNA 6701, com o corpo com triângulos preenchidos com o vértice para cima e a cabeça com faixas radiantes simétricas. Uma placa paradigmática de uma construção de motivos que se encontra também em contextos distantes, como Aljezur, na placa MNA 985.39.45 (GONÇALVES, 2005, p. 44, Fig. 11). Pelo corpo, são placas objectivamente idênticas, e a associação ao motivo da cabeça reforça a ideia de grupamentos de motivos que se transformam numa imagem idêntica global, tal como no caso de muitas placas CTT...

Mas nem todos os casos são assim.

3. *Qual o papel das molduras definindo um espaço central em placas acéfalas como MNA 6495 bis, com triângulos preenchidos com o vértice para baixo em campo liso e com delimitação dos quatro lados por uma moldura?*

As molduras são sempre compartimentações de espaços significantes, quer estejam preenchidos por símbolos reconhecíveis ou não. O que é realmente importante, porém, não é a moldura, mas o quadro. No entanto, a moldura pode eventualmente ceder informação sobre o “gosto” ou o estilo do artesão. Ou de quem encomenda ou escolhe a peça. E isto também se aplica às placas.

4. *Qual o significado das gravações caóticas, ainda que pseudo organizadas por linhas guias, como é o caso de MNA 6657a-b (bis)?*

Não é fácil responder a esta questão. Só mesmo perguntando ao gravador da placa. O que é obviamente impossível. Uma gravação caótica pode não o ser para o gravador (ainda que esta observação seja possível de contestar seguindo várias perspectivas. Sendo uma delas: quem grava uma face de acordo com um padrão generalizado de gravação porque haveria de não o fazer na outra?). A única resposta possível é: porque a primeira é a “face” verdadeira e única, a outra é apenas a parte de trás daquela, sem significado para o visualizador.

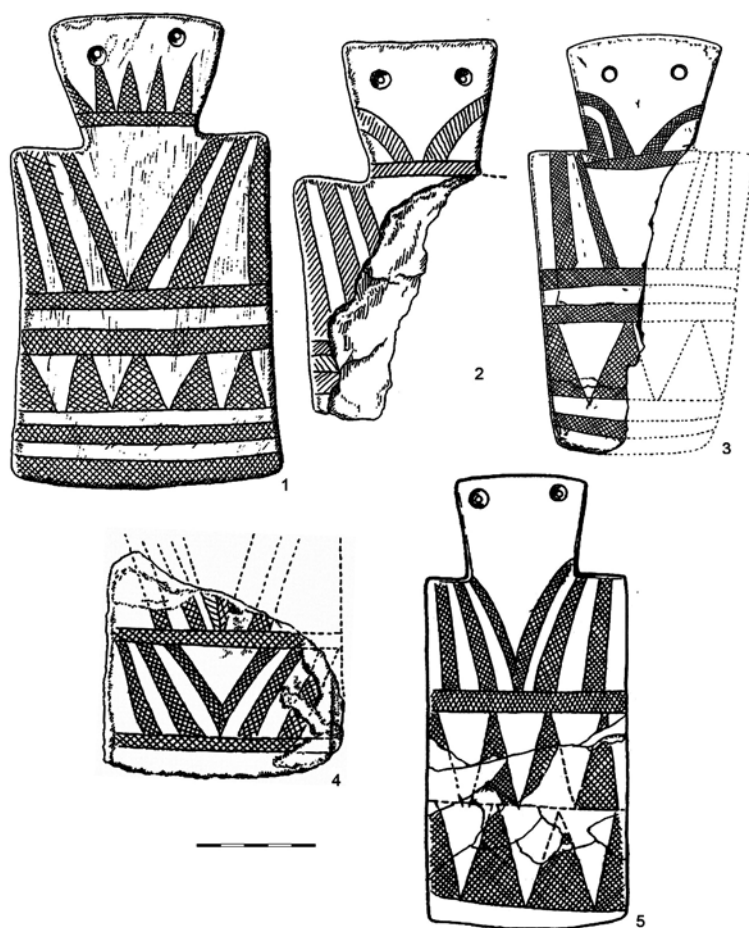


Fig. 36 – Alguns exemplos de placas antropomórficas “de suspensórios”, provenientes de contextos hispano-estremenhos e centro-alentejanos. 1: Acenha de la Borrega (adaptado de LEISNER & LEISNER, 1959, Taf. 55); 2: Vega del Guadancil 1 (adaptado de LEISNER & LEISNER, 1959, Taf. 55); 3: Granja de Céspedes (adaptado de ALMAGRO, 1961-1962, Fig. 2); 4: Veja del Peso (adaptado de LEISNER & LEISNER, 1959, Taf. 53); 5: Cebolinhos 1 (adaptado de LEISNER & LEISNER, 1951, Est. 34).

5. Qual a estratégia gráfica da placa MNA 6896 (bis), de área dividida mas com linhas guia, acéfala e com o corpo dividido em dois, duas mais três faixas ziguezagueantes? Será uma placa reaproveitada como a que tentamos reconstituir?

O grupo de trabalho PLACA NOSTRA nunca reagiu mal ao conceito de reutilização das placas, a tal ponto ela era óbvia em vários casos. Mas ele há exageros... O grau elevado de segmentação do suporte cria problemas concretos que podem conduzir à recuperação de placas e mesmo de báculos, sem que isso seja interpretável como um ritual ou um procedimento que implique práticas mágico-religiosas.

6. Rara, a placa com o corpo em xadrez sem número?

A placa com o corpo em xadrez, sem número, da Lapa da Galinha, cuja fotografia foi publicada por Maria Cristina Moreira de Sá (1959) é apenas uma, o que quer dizer, para as placas de xisto da Lapa, 7% do total estrito de placas de xisto. Ou 9% do total das placas gravadas identificadas. Mas estes números não são estranhos: no conjunto de Monte da Barca (Gonçalves, 2011), um conjunto maior, as placas com o corpo em xadrez não ultrapassam os 12%... É, dos motivos principais, um dos menos usados.

7. Tatuagens faciais, do tipo das que aparecem sobre cerâmica, coincidem com triângulos afrontados pelo verso em campo aberto?

Na mesma placa MNA 6491, o verso apresenta uma cabeça preenchida em campo aberto dominando uma linha única de Triângulos preenchidos com o Vértice para Cima, alongados tais como os da face. É uma placa bipolar, mas em que os motivos centrais são similares, só divergindo radicalmente o preenchimento da cabeça.

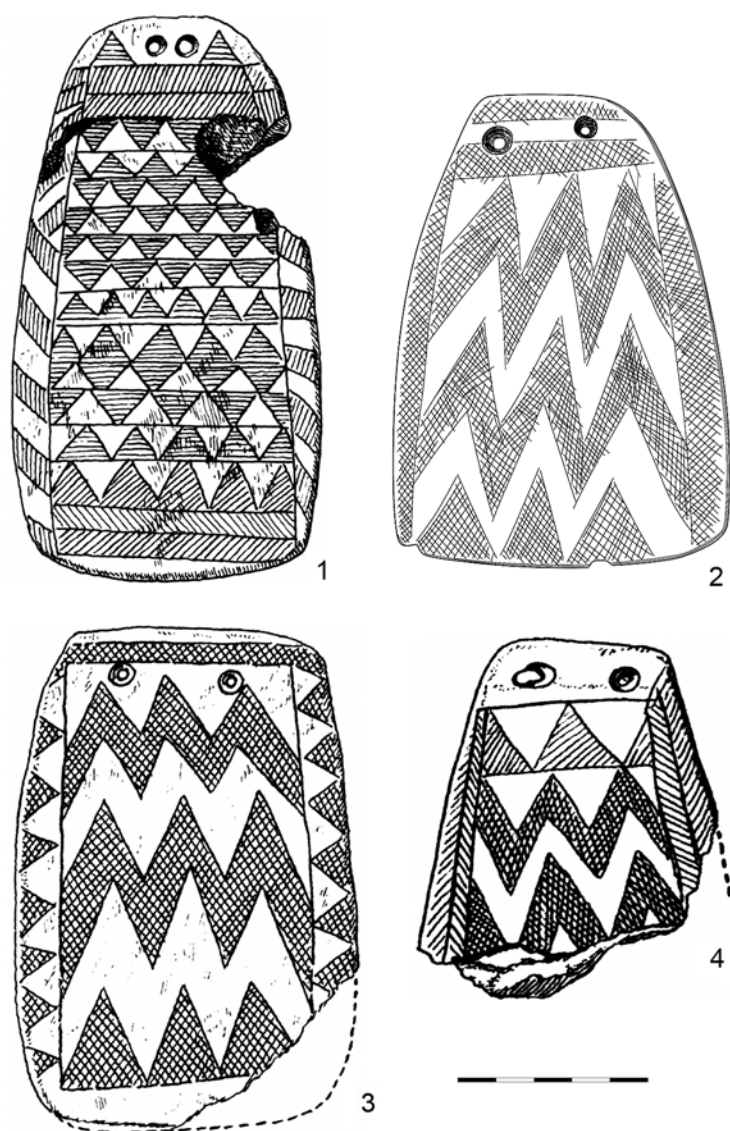


Fig. 37 – Alguns exemplos de placas de serpentinito com moldura. 1: Cabeço da Arruda 1 (adaptado de LEISNER, 1965, Taf. 6); 2: Lapa do Bugio (desenhado a partir de ISIDORO, 1968, Fig. 4); 3: Vidais (adaptado de LEISNER & LEISNER, 1959, Taf. 5); 4: Cueva de la Mora (adaptado de LEISNER & LEISNER, 1959, Taf. 53).

8. *As placas bipolares da Lapa da Galinha apresentam sempre motivos idênticos nas duas faces ou de formulação diversa?*

A placa MNA 6600 é o exemplo de uma situação muito rara: na face apresenta uma cabeça preenchida com faixas verticais, um separador reticulado e duas bandas de Triângulos preenchidos com o vértice para cima. O verso é apenas decorado com uma dupla bandoleira preenchida. A pequena placa bipolar, muito provavelmente reaproveitada, MNA 6626 apresenta uma cabeça com “orelhas de coelho”, um separador duplo e uma única faixa de Triângulos preenchidos com o Vértice para Cima. No verso, a bandoleira dupla está só parcialmente preenchida. Outra placa bipolar (MNA 6561) apresenta em cada face motivos únicos de preenchimento: zigzagues sem linhas guia e TPVB. Nenhuma de estas faces tem sequer indicação de cabeça. Placas acéfalas.

9. *A família das placas recortadas é monótona?*

Na verdade, inclui MNA 6663, que está infelizmente fragmentada ainda que nos pareça tratar-se de uma placa recortada bipolar, em ambas faces com a representação do colar da Deusa. Na face, estão gravadas as sobrancelhas, o nariz e as tatuagens ou pinturas faciais. A resposta correcta seria: nem sempre. Outra placa, MNA 6627, tem também uma representação estilizada na cabeça recortada, apontando para a representação das sobrancelhas, do nariz e das tatuagens ou pinturas faciais. A representação do colar é dupla, tanto na face como no verso.

10. *A placa fenestrada MNA 6468 não apresenta qualquer decoração. Será uma placa idêntica às do Alto Alentejo?*

Se não for ela mesma do Alto Alentejo...

11. *Os motivos desgarrados existem em toda a esfera do megalitismo com placas?*

A placa reaproveitada bipolar MNA 6654 apresenta Triângulos preenchidos com o vértice para cima, com vértices cortados, e, na face, um provável “triângulo voador”, como em placas de Reguengos e Aljezur, sendo o espaço vazio entre os dois triângulos aparentemente preenchido por linhas horizontais.

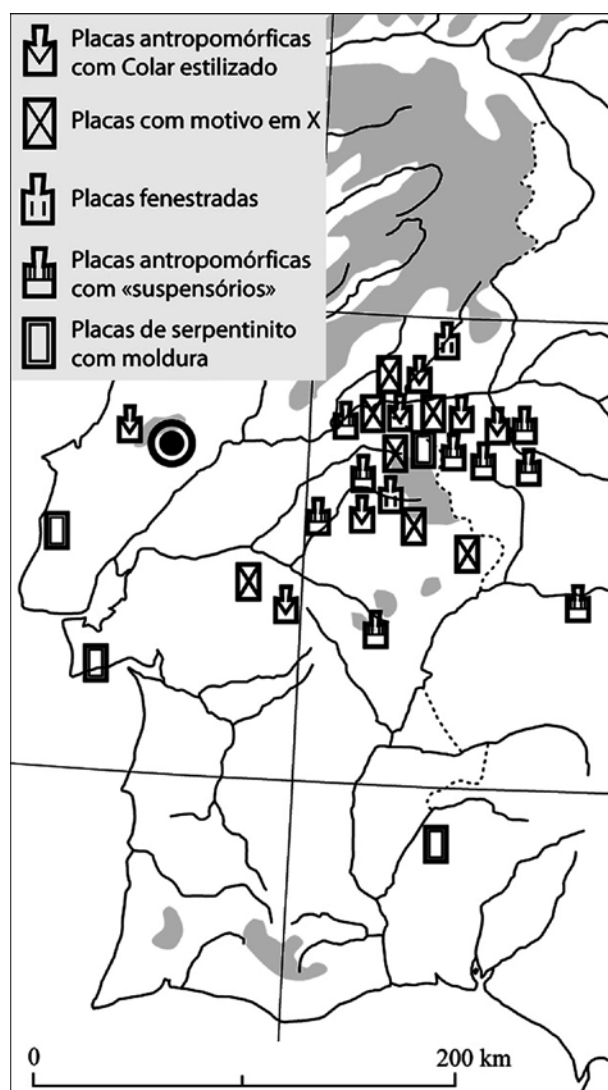


Fig. 38 – Distribuição geográfica dos paralelos iconográficos directos para as placas votivas da Lapa da Galinha (representada pelo círculo) apresentados nas figuras anteriores, indicando-se as placas de contorno antropomórfico com Colar estilizado, as placas com motivo em X (independentemente de se tratarem de exemplares de contorno antropomórfico, fenestrados ou de contorno geométrico), as placas fenestradas lisas, as placas antropomórficas com “suspensórios” e as placas de serpentinito com moldura.



Fig. 39 – *Em cima*: as duas faces da placa 6468. *Em baixo*: as duas faces da placa 6491.

12. Houve uma penetração para Ocidente das placas com braços recor-tados?

A placa de grés MNA 6739 (bis) é um caso que ilustra a penetração para Ocidente das placas com braços recor-tados, com alguma presença no Alto Alentejo e pouca fora dele. A resposta é sim, mas com pouca expressão numé-rica.

13. E os “fragmentos de báculo” cuja fotografia foi publicada em 1959?

As peças 2 e 3 da fotografia do trabalho de Sá não são báculos, nem sequer cabos de báculo. Um deles inclui alinhamentos de triângulos com o vértice para o lado, apontando uma coluna à esquerda do observador e outra para a direita, muito raros nas placas, mas ainda assim presentes em algumas (Aljezur, GONÇALVES, 2005, placa 985.39.49, Figs. 5, 50, 69 ou Anta Grande do Zambujeiro, MEV 5254, GONÇALVES, 2005, Fig. 58). O regis-tado com o número 3 apresenta, por sua vez, faixas reticuladas, faixas hori-zontais e faixas radiantes, bem conhe-cidas em alguns báculos e, é certo, em placas, algumas de uma construção de motivos presente na Lapa da Galinha...

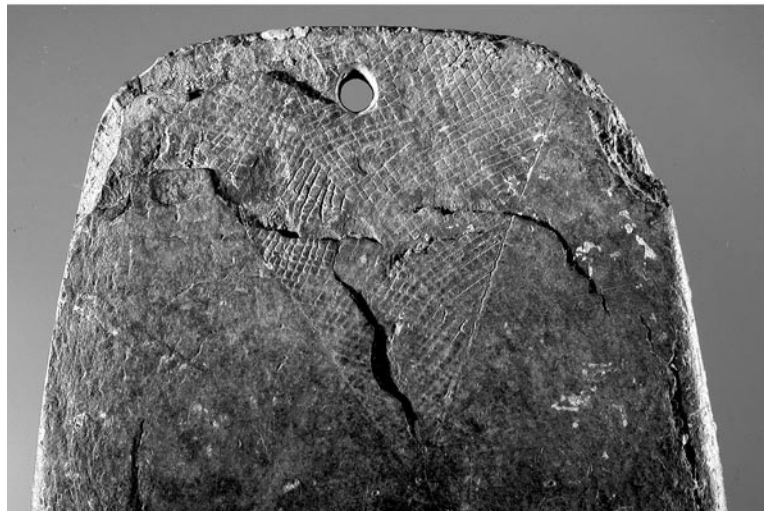


Fig. 40 – Em cima: o topo da face da placa 6491, dois pares de tatuagens ou pinturas faciais, típicas da área de fronteira hoje espanhola. Em baixo: um grande triângulo com o vértice para baixo, resultante da fusão de duas áreas de preenchimento.

14. E a propósito do báculo de contornos rectilíneos?

O báculo em forma de machado MNA.2002.188.1 é uma estranha peça para a qual continuam a não existir paralelos. No entanto, os seus componentes decorativos são idênticos aos que surgem nas placas, o que indica contemporaneidade. Mas quase se pode afirmar que a sua morfologia geral não tem que ver necessariamente com um culto específico do machado, para o qual há poucas evidências... se esquecermos as suas associações com enxós e goivas, as penúltimas também esculpidas em calcário (encabadas e com representação das cordas para fixação da lâmina) e com decorações idênticas às de placas e báculos. Há pelo menos um momento em que tudo se combina...

Lisboa, Outono-Inverno de 2014



Fig. 41 – *Em cima, à esquerda e em baixo: a placa moldurada 6495 e um detalhe do topo. Chamamos a atenção para a moldura dupla. Em cima, à direita: placa 6683.*

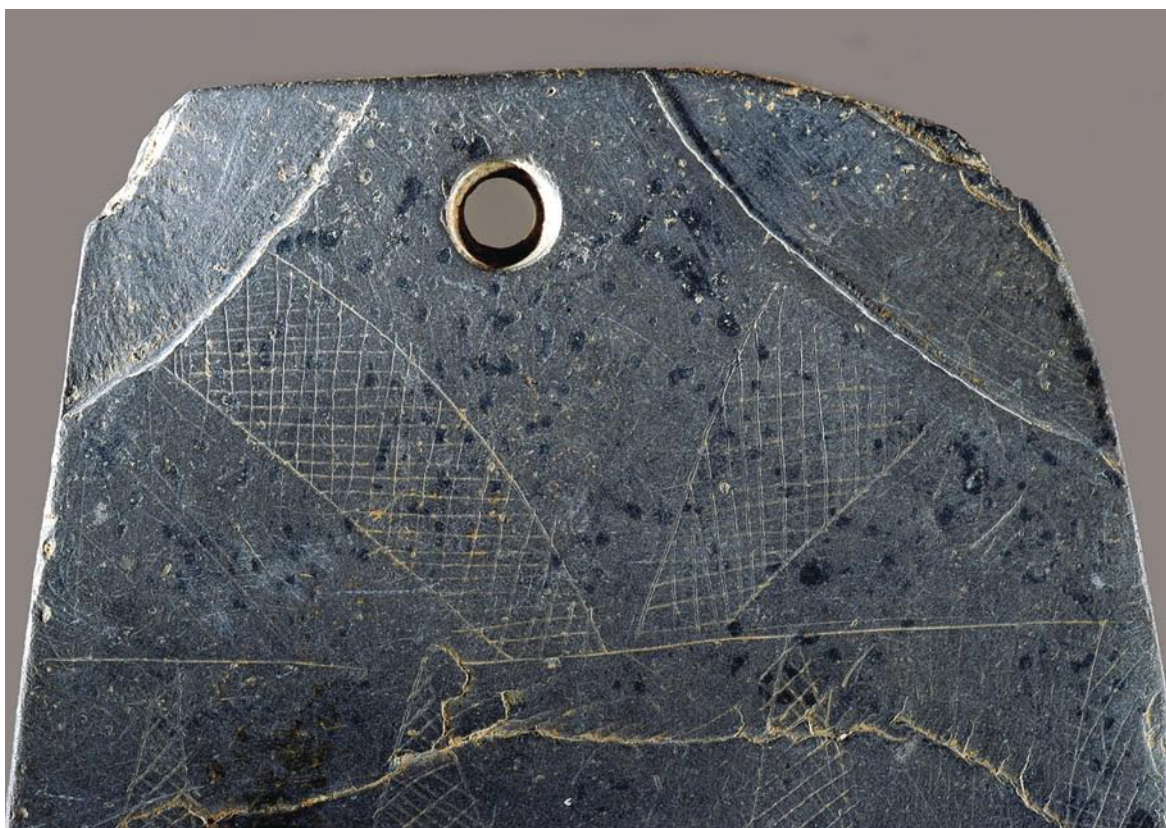


Fig. 42 – *Em cima*: cabeça da placa 6683, apresentando as típicas “orelhas de coelho”. *Em baixo*: as duas faces da placa 6561.



Fig. 43 – As duas faces da placa 6600. De notar a construção, que poderia sugerir uma placa híbrida, e o pequeno rectângulo gravado entre o segundo e o quarto triângulo da primeira banda. *Em baixo*: a placa 6626.



Fig. 44 – Faces e detalhe da cabeça da placa recortada 6627.



Fig. 45 – As duas faces da placa recortada 6468, com colar duplo e detalhe de este no verso.



Fig. 46 – A placa 6683, com “orelhas de coelho”, e a placa com cabeça radiante 6701.

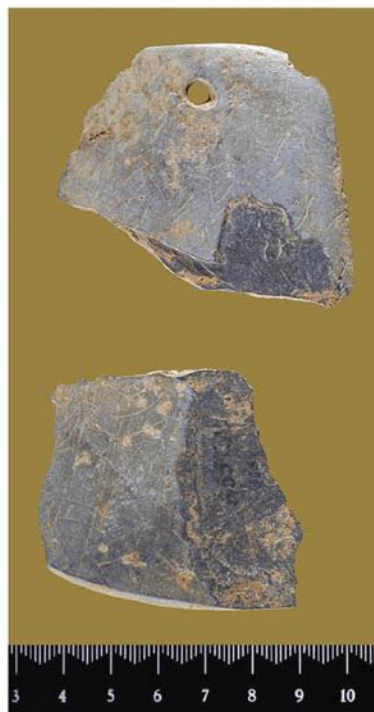


Fig. 47 – *Em cima, à esquerda*: placa reaproveitada 6896 e, *à direita*, dois fragmentos da mesma placa 6657. *Em baixo*: 6654, dois fragmentos ou de uma possível placa reaproveitada ou de uma microplaca. *Em baixo, à direita*: placa de grés não decorada 6739.



Fig. 48 – As duas faces e um detalhe do báculo 2002.188.1. Os triângulos e as faixas “espessas” dominam exclusivamente a decoração do báculo. Todos os componentes decorativos se adaptam ao ponto do báculo em que foram gravados.



Fig. 49 – Os pontos de inflexão das duas faces do báculo 2002.188.1.

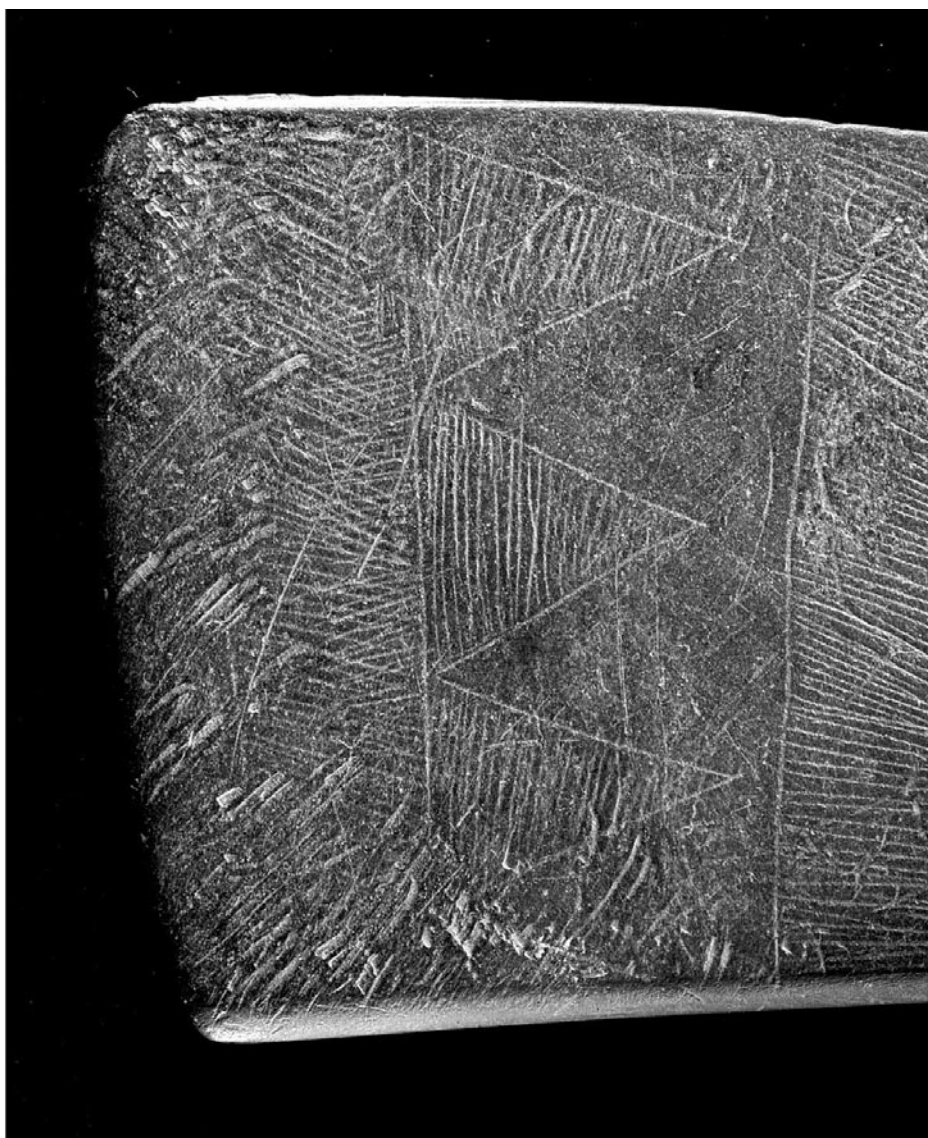


Fig. 50 – A extremidade superior do báculo 2002.188.1.

REFERÊNCIAS

- ALMAGRO BASCH, M. (1961-1962) – Un ajuar dolménico excepcional procedente de la Granja de Céspedes de Badajoz. *Homenaje a C. Mergelina*. Murcia, p. 35-82.
- ALMEIDA, F. & FERREIRA, O. V. (1956) – Placas de xisto do Museu Lapidar Igaeditano (Idanha-a-Velha). *Revista de Guimarães*. Guimarães. 66 (1-2).
- ALMEIDA, F. & FERREIRA, O. V. (1959) – Antiguidades de Torres Novas. II Parte. Estação pré-histórica das Lapas. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 69 (3-4), p. 501-510.
- ANDRADE, M. A. (2009) – *Megalitismo e comunidades megalíticas na área da Ribeira Grande (Alto Alentejo): definição e caracterização do fenómeno de «megalitização» da paisagem na área austral do Norte alentejano*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 vols., policopiado.

- ANDRADE, M. A. (no prelo a) – As placas de xisto gravadas da anta da Herdade da Lameira (Alto Alentejo, Portugal). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 5.^a serie, 3.
- ANDRADE, M. A. (no prelo b) – The engraved schist plaques from the cave of Buraca da Moura (Torres Novas, Portugal): symbolic material culture during the Late Neolithic/Early Chalcolithic in Southwestern Iberia.
- ANDRADE, M. A. (no prelo c) – O sítio pré-histórico do Sobral do Martim Afonso (Salvaterra de Magos, Portugal): um curioso contexto do Neolítico final/Calcolítico na margem esquerda do Baixo Tejo.
- ANDRADE, M. A.; MAURÍCIO, J. & SOUTO, P. (2010) – Contributo para a definição das práticas funerárias neolíticas e calcolíticas no Maciço Calcário Estremenho. 1: estudo morfo-tipológico de duas placas de xisto gravadas da gruta da Buraca da Moura da Rexaldia (Chancelaria, Torres Novas). *Nova Augusta*. Torres Novas. 22, p. 239-259.
- ARAÚJO, A. C. & LEJEUNE, M. (1995) – *Gruta do Escoural: necrópole neolítica e arte rupestre paleolítica*. Lisboa: IPPAR.
- ARAÚJO, A. C. & ZILHÃO, J. (1991) – *Arqueologia do Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros*. Lisboa: Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza.
- BUENO RAMÍREZ, P. (1988) – *Los dólmenes de Valencia de Alcántara*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- BUENO RAMÍREZ, P. (1992) – Les plaques décorées alentéjaines: approche de leur étude et analyse. *L'Anthropologie*. 96 (2-3), p. 573-604.
- BUENO RAMÍREZ, P.; BALBÍN BEHRMANN, R.; BARROSO BERMEJO, R.; ALDECOA QUINTANA, M. A. & CASADO MATEOS, A. B. (1998) – Sepulcros megalíticos en el Tajo: excavación y restauración de dólmenes en Alcántara, Cáceres, España. *Ibn Maruán*. Marvão. 8, p. 135-182.
- CARDOSO, J. L. (1992) – A Lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9-10, p. 89-225.
- CARDOSO, J. L. (2002) – *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Verbo.
- CARDOSO, J. L. & CARVALHO, A. F. (2008) – A gruta do Lugar do Canto (Alcanede) e a sua importância no faseamento do Neolítico no território português. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 16, p. 269-300.
- CARDOSO, J. L.; FERREIRA, O. V. & CARREIRA, J. R. (1996) – O espólio arqueológico das grutas naturais da Senhora da Luz (Rio Maior). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 195-256.
- CARDOSO, J. L.; FERREIRA, O. V.; ZBYSZEWSKI, G.; LEITÃO, M.; NORTH, C. T.; NORTON, J. & BERGER, F. (2003) – A gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 11, p. 229-321.
- CARREIRA J. R. (1996) – A necrópole megalítica das Lapas (Torres Novas). *Nova Augusta*. Torres Novas. 10, p. 51-90.
- CARREIRA, J. R. & CARDOSO, J. L. (2001-2002) – A gruta da Casa da Moura (Cesareda, Óbidos) e sua ocupação pós-paleolítica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 10, p. 249-361.
- CARVALHO, A. F. (1998) – O Abrigo da Pena d'Água (Rexaldia, Torres Novas): resultados dos trabalhos de 1992-1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1 (2), p. 39-72.
- CARVALHO, A. F. (2008) – *A Neolitização do Portugal Meridional. Os exemplos do Maciço Calcário estremenho e do Algarve Ocidental*. Faro: Universidade do Algarve.

- CARVALHO, A. F. (2014) – *Bom Santo Cave (Lisbon) and the Middle Neolithic Societies os Southern Portugal*. Faro: Universidade do Algarve.
- CARVALHO, A. F.; FERREIRA, N. A. & VALENTE, M. J. (2003) – A gruta-necrópole neolítica do Algar do Barrão (Monsanto, Alcanena). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6 (1), p. 101-109.
- CARVALHO, A. F.; GONÇALVES, D.; GRANJA, R. & PETCHEY, F. (2012) – Algar do Bom Santo: a Middle Neolithic necropolis in Portuguese Estremadura. In: GIBAJA BAO, J. F.; CARVALHO, A. F. & CHAMBON, P. (eds.) – *Funerary practices in the Iberian Peninsula from the Mesolithic to the Chalcolithic*. Oxford: Archeopress, p. 77-90.
- CARVALHO, A. F.; JACINTO, M. J.; DUARTE, C.; MAURÍCIO, J. & SOUTO, P. (2000) – Lapa dos Namorados (Pedrógão, Torres Novas): estudo dos materiais arqueológicos. *Nova Augusta*. Torres Novas. 12, p. 151-172.
- CORREIA V. (1921) – *El Neolítico de Pavia (Alentejo, Portugal)*. Madrid: Museo Nacional de Ciencias Naturales.
- DUARTE, C. (1998) Necrópole neolítica do Algar do Bom Santo: contexto cronológico e espaço funerário. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1 (2), p. 107-118.
- FERREIRA, O. V. (1973a) – Acerca das placas-ídolos com mãos encontradas em Portugal e o culto da fecundidade. In: *Estudios dedicados al Prof. Pericot*. Barcelona: Universidad, p. 233-240.
- FERREIRA, O. V. (1973b) – Acerca dos enigmáticos “báculos” da cultura megalítica do Alto Alentejo. *Arqueologia*. Porto. 12, p. 86-93.
- GARCÍA RIVERO, D. & O'BRIEN, M. J. (2014) – Phylogenetic analysis shows that Neolithic slate plaques from the Southwestern Iberian Peninsula are not genealogical recording systems. *PLOS ONE*. 9 (2), p. e88296. doi: 10.1371/journal.pone.0088296.
- GONÇALVES, J. L. M. (1990-1992) – As grutas da serra de Montejunto (Cadaval). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 8-10, p. 41-201.
- GONÇALVES, V. S. (1978a) – Para um programa de estudo do Neolítico em Portugal. *Zephyrus*. Salamanca. 28-29, p. 147-162.
- GONÇALVES, V. S. (1978b) – *A neolitização e o megalitismo da região de Alcobaça*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura.
- GONÇALVES, V. S. (1989) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente peninsular. 1: Deusa(s) Mãe, placas de xisto e cronologias: uma nota preambular. *Almansor*. Montemor-o-Novo. 7, p. 289-302.
- GONÇALVES, V. S. (1993) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 3: A Deusa dos Olhos de Sol, um primeiro olhar. *Revista da Faculdade de Letras*. Lisboa. 15, p. 41-47.
- GONÇALVES, V. S. (1999) – Time, landscape and burials. 1. megalithic rites of ancient peasant societies in central and southern Portugal: an initial review. *Journal of Iberian Archaeology*. Porto. 1, p. 83-91.
- GONÇALVES, V. S. (2003a) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 4: A “síndrome das placas loucas”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6 (2), p. 131-157.
- GONÇALVES, V. S. (2003b) – *Sítios, “Horizontes” e Artefactos. Leituras críticas de realidades perdidas*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais. 2.^a edição.

- GONÇALVES, V. S. (2003c) – *STAM-3, a anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- GONÇALVES, V. S. (2004a) – As placas de xisto gravadas dos sepulcros colectivos de Aljezur (3.º milénio a.n.e.). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 4.ª série, 22, p. 163-318.
- GONÇALVES, V. S. (2004b) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente peninsular. 5: O explícito e o implícito. Breve dissertação invocando os limites fluidos do figurativo, a propósito do significado das placas de xisto gravadas do terceiro milénio a.n.e. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7 (1), p. 165-183.
- GONÇALVES, V. S. (2005) – As placas de xisto gravadas dos sepulcros colectivos de Aljezur (3.º milénio a.n.e.). Câmara Municipal de Aljezur. Texto ampliado, editado como livro, de GONÇALVES, 2004a.
- GONÇALVES, V. S. (2009) – *As ocupações pré-históricas das Furnas do Poço Velho (Cascais)*. Cascais: Câmara Municipal.
- GONÇALVES, V. S. (2011) – *As placas de xisto gravadas (e os báculos) do sítio do Monte da Barca (Coruche)*. Lisboa: UNIARQ.
- GONÇALVES, V. S. (2013) – Antes de Endovélico... A propósito das placas de xisto gravadas da anta de Santiago Maior e das antas da Herdade dos Galvões (Alandroal, Alentejo). *Cadernos de Endovélico*. Alandroal. 1, p. 105-123.
- GONÇALVES, V. S.; ANDRADE, M. A. & PEREIRA, A. (2004a) – As placas de xisto gravadas da gruta artificial S. Paulo 2 (Almada). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7 (2), p. 73-96.
- GONÇALVES, V. S.; ANDRADE, M. A. & PEREIRA, A. (2004b) – As placas de xisto gravadas das grutas artificiais do Tojal de Vila Chã, Carenque e da necrópole das Baútas (Mina, Amadora). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 4.ª série, 22, p. 113-162.
- GONÇALVES, V. S.; ANDRADE, M. A. & PEREIRA, A. (2005) – As placas de xisto gravadas e o báculo recolhidos nas duas Antas da Loba (Nossa Senhora de Machede, Évora). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8 (2), p. 5-53.
- GONÇALVES, V. S. & PEREIRA, A. R. (1974-1977) – Considerações sobre o espólio neolítico da Gruta dos Carrascos (Monsanto, Alcanena). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 3.ª série, 7-9, p. 49-87.
- GONÇALVES, V. S.; PEREIRA, A. & ANDRADE, M. A. (2003) – A propósito do reaproveitamento de algumas placas de xisto gravadas da região de Évora. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 4.ª série, 21, p. 209-244.
- GONÇALVES, V. S.; PEREIRA, A. & ANDRADE, M. A. (2005) – As notáveis placas votivas da Anta de Cabacinheiros (Évora). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8 (1), p. 43-109.
- HELENO, M. (1942) – O culto do machado no Calcolítico português. *Ethnos*. Lisboa. 2, p. 461-463.
- HILLIER, M.; BOAVENTURA, R. & GRIMES, V. (2010) – Moving around? Testing mobility with strontium isotopes ($^{86}\text{Sr}/^{87}\text{Sr}$) in the Late Neolithic of South-Central Portugal. Poster Apresentado ao 8.º Encontro de Arqueologia do Algarve: a Arqueologia e as outras Ciências. Silves.
- ISIDORO, A. F. (1965-1966) – Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 20 (1-2), p. 29-57.

- ISIDORO, A. F. (1967-1968) – Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo) – II. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 22, p. 285-297.
- ISIDORO, A. F. (1968) – Espólio arqueológico da gruta do Bugio. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 20 (3-4), p. 347-354.
- ISIDORO, A. F. (1973) – Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo) – V. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 22 (2), p. 107-123.
- JALHAY, E. & PAÇO, A. (1945) – El castro de Vilanova de San Pedro. *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología: Etnografía y Prehistoria*. Madrid. 20, p. 55-141.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1951) – *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1959) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel I/2: der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter & Co.
- LEISNER, Vera (1965) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel, I/3: der Westen*. Berlin: Walther de Gruyter & Co.
- LEISNER, V. (1998) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel, I/4: der Westen*. Berlin: Walther de Gruyter & Co.
- LEITÃO, M.; NORTH, C. T.; NORTON, J.; FERREIRA, O. V. & ZBYSZEWSKI, G. (1987) – A gruta pré-histórica do Lugar do Canto, Valverde (Alcanede). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 4.^a série, 5, p. 37-66.
- LILLIOS, K. (2002) – Some new views of the engraved slate plaques of southwest Iberia. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5 (2), p. 135-151.
- LILLIOS, K. (2008) – *Heraldy for the Dead: Memory, Identity and the Engraved Stone Plaques of Neolithic Iberia*. Texas University Press.
- MARTINS, A. F. (1949) – *Maciço Calcário Estremenho: contribuição para um estudo de Geografia Física*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- MATALOTO, R. & BOAVENTURA, R. (2009) – Entre vivos e mortos nos IV e III milénios a.n.e. do Sul de Portugal: um balanço relativo do povoamento com base em datações de radiocarbono. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 12 (2), p. 31-77.
- NATIVIDADE, M. V. (1899-1903) – Grutas de Alcobaça. Materiaes para o estudo do Homem. *Portugália*. Porto. 1 (3-4), p. 433-474.
- OLIVEIRA, J. (1998) – *Monumentos megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever*. Lisboa: Edições Colibri.
- OLIVEIRA, J. (2006) – *Património arqueológico da Coudelaria de Alter e as primeiras comunidades agro-pastoris*. Lisboa: Edições Colibri.
- OLIVEIRA, J. (2012) – *Monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do Rio Sever*. Évora: CHAIA/Câmara Municipal de Marvão. 2-3 (edição electrónica).
- PAÇO, A.; BARBOSA, F.; SOUSA, J. N. & BARBOSA, F. B. (1959) – Notas arqueológicas da região de Alcobertas (Rio Maior). *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura. 1, p. 281-292.

- PAÇO, A.; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. V. (1971) – Resultados das escavações na Lapa da Bugalheira (Torres Novas). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 55, p. 23-41.
- PEREIRA, F. A. (1908) – Chronica. *O Archeologo Português*. Lisboa. 13 (7-12), p. 382-384.
- SÁ, M. C. M. (1959) – A Lapa da Galinha. In: *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura. 1, p. 117-128.
- SERRÃO, E. C. & MARQUES, G. (1971) – Estrato pré-campaniforme da Lapa do Fumo (Sesimbra). In: *Actas e Memórias do II Congresso Nacional de Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura. 1, p. 121-142.
- SOUSA, A. C. (2004) – A necrópole do Neolítico final de Pragais, Porto de Mós: velhos dados, novas leituras. In: *Arqueologia: colecções de Francisco Tavares Proença Júnior*. Castelo Branco: Instituto Português de Museus, p. 90-111.
- SOUSA, A. C. & GONÇALVES, V. S. (2012) – *In and out*. Tecnologias, símbolos e cultura material. Interações e identidades regionais no Centro e Sul de Portugal no 3.º milénio a.n.e. In: BORRELL, M.; BORRELL, F.; BOSCH, J.; CLOP, X. & MOLIST, M. (eds.) – *Xarxes al Neolític. Circulació i intercanvi de matèries, productes i idees a la Mediterrània occidental (VII-III mil lenni aC)*. Gavà: Bellaterra (*Rubricatum*, extra 5), p. 383-392.
- SPINDLER, K. (1981) – *Cova da Moura*. Mainz am Rhein: Phillipp von Zabern.
- THOMAS, J. T. (2011) – Fashioning identities, forging inequalities: Late Neolithic/Copper Ager personal ornaments of the Portuguese Estremadura. *European Journal of Archaeology*. 14 (1-2), p. 29-59.
- WATERMAN, A. J.; PEATE, D. W.; SILVA, A. M. & THOMAS, J. T. (2013) – In search of homelands: using strontium isotopes to identify biological markers of mobility in late prehistoric Portugal. *Journal of Archaeological Science*. London. 42, pp 119-127.
- ZILHÃO, J. & CARVALHO, A. F. (1996) – O Neolítico do Maciço Calcário Estremenho: crono-estratigrafia e povoamento. *Rubricatum*. Gavà. 1 (2), p. 659-671.
- ZILHÃO, J.; MAURÍCIO, J.; SOUTO, P. (1991) – A Arqueologia da Gruta do Almonda (Torres Novas). Resultados das escavações de 1988-1989. *IV Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 161-181.